

Gustavo Silveira de Souza

O Sul contra o apagão:

Uma análise do Jornalismo Online na RBS

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

São Leopoldo, 2003

Índice

1. Resumo	3
2. Introdução	4
3. As mídias de massa e a Internet	6
4. ClicRBS: um espaço na Internet	37
5. Transposição dos textos na Internet	47
6. Conclusão	63
7. Anexos	64
8. Bibliografia	76

1 Resumo

Neste estudo, discuto como o suporte informático, ao agregar os textos das mídias tradicionais, o áudio, o texto e a imagem, constitui um novo discurso.

Nele, apresento, inicialmente, uma revisão histórica das transformações nas linguagens das mídias brasileiras, discutindo as suas interferências. Posteriormente, analiso os efeitos da transposição dos textos dessas mídias para a internet, no caso o clicRBS, através de uma cobertura multimídia da RBS sobre a possibilidade ou não do racionamento de energia elétrica na Região Sul do Brasil.

2 Introdução

O jornalismo online é um moderno meio de comunicação. Através de um suporte informático, ele agrega a linguagem de mídias tradicionais, como o áudio do rádio, a imagem e o texto do jornal e a imagem em movimento da televisão. Ao agregar as linguagens dos diferentes meios de comunicação, ele transforma e produz um outro sentido da notícia. Simultaneamente, o jornalismo online amplia a função do jornalismo, na medida em que possibilita ao leitor o acesso ao hipertexto, à interatividade, à notícia em tempo presente e o seu armazenamento para posterior recuperação, o que potencializa a absorção da informação.

Nesse sentido, torna-se importante realizar um estudo para entender como a notícia se transforma ao ingressar nesse novo e importante meio de comunicação de modo a agregar novas informações acerca dos processos implicados na produção da notícia online e contribuir para a otimização desta informação.

Este estudo tem como principal objetivo conhecer o processo de transposição da linguagem jornalística das mídias de massa da Rede Brasil Sul (RBS) para a internet. Nele, me proponho a analisar as mudanças introduzidas pelo jornalismo online ao agregar num novo suporte, com características próprias de espaço e tempo, as diferentes linguagens agregadas de mídias tradicionais e a utilização dos novos recursos na publicação de notícias na internet através do clicNotícias.

O presente trabalho se propõe a analisar a notícia veiculada nas mídias da RBS – Rádio Gaúcha, RBSTV, TVCOM, jornal Zero Hora e clicNotícias – no dia 14 de maio de 2001, sobre a reunião que envolveu os dirigentes das companhias de energia elétrica da Região Sul do Brasil frente à perspectiva de racionamento de energia elétrica no Brasil.

Para a realização deste estudo, inicialmente, realizei uma revisão bibliográfica, em que procurei aprofundar o meu conhecimento a respeito das transformações histórico-sociais que ocorreram e constituíram as diferentes linguagens das mídias no Brasil, e conseqüentemente, interferiram na constituição de seus respectivos discursos. Nessa etapa do estudo, procurei

ainda, entender de que forma tais processos configuraram os suportes, hoje disponíveis, de informação, especialmente, a internet.

Num segundo momento desse estudo, realizei um estudo de caso, em que analiso a cobertura multimídia da RBS sobre as reuniões e discussões que decidiram a respeito do racionamento, ou não, do racionamento de energia elétrica na Região Sul do Brasil. Nele, busco identificar de que forma os diferentes suportes utilizados nessa cobertura aparecem em seu veículo de informação na internet, ou seja, no clicRBS. Para tanto, utilizei-me de autores que discutem as implicações dos suportes na constituição dos discursos.

3 As mídias de massa e a internet

Neste capítulo, primeiramente, dou uma visão geral das tendências das mídias de massa – jornal, rádio e televisão – e da internet. A seguir, abordo como desenvolveram-se as linguagens que constituem as mídias de massa e a internet, caracterizando e apontando algumas implicações entre as mesmas. Além disso, destaco as características da internet que a diferencia das mídias de massa.

3.1. Da massificação à segmentação

Grande parte da cultura do Século XX, segundo Ana Prado (ANO), foi delineada pela mídia de massa. Esse modelo, fundamenta-se no formato de comunicação unidirecional, na base de um-para-muitos, correspondendo, no campo da teoria da comunicação, a uma estrutura assimétrica, que relega o receptor à condição de “caixa vazia”, no qual seriam depositados os sentidos produzidos unilateralmente pelos media. Para a autora, essa perspectiva, destinada à formação de públicos de massa para mídias extremamente centralizadas e controladas por um todo-poderoso emissor, vem entrando em crise desde os anos 80.

Desde o início da década de 90, segundo ainda essa autora, alguns analistas da mídia já anteviam o desenvolvimento do que chamaram de “desmassificação”, como uma tendência oposta à que marcou profundamente a segunda metade do Século XX.

O novo ambiente comunicacional, representado pela internet, é marcado pela interatividade e pela individualização/personalização tecnológica, dois elementos fundamentais, que sintetizam as tendências na relação homem-tecnologia nas próximas

décadas e, por isso mesmo, deverão ter grandes impactos sobre a cultura humana no Século XXI.

Os prognósticos sobre a mídia do futuro, segundo Ana Prado (ANO), apontam para uma grande ênfase no consumo individualizado e personalizado da informação. Para Nicholas Negroponte (*apud*, Prado, ANO) depois da Era Industrial, baseada no conceito de produção em massa, estamos ingressando agora numa era da pós-informação. A respeito do cenário da vida digital num futuro próximo, ele diz:

Os modelos econômicos da mídia atual baseiam-se quase que exclusivamente em “empurrar” a informação e o entretenimento para o público. A mídia de amanhã terá tanto ou mais a ver com o ato de “puxar”: você e eu acessaremos a rede e conferiremos o que há nela, da mesma forma como hoje fazemos numa biblioteca ou videolocadora. Isso poderá ser feito de forma explícita, ou seja, por nós mesmos, ou implícita, isto é, um agente o fará por nós (...) A informação por encomenda dominará a vida digital.

Esse cenário desenhado, segundo Prado (ANO), representa um passo à frente do *narrowcasting*¹, que é o caso, por exemplo, da TV por assinatura, com programação altamente segmentada. O modelo de transmissão da informação em âmbito digital extrapola os grupos específicos e alcança o indivíduo com suas peculiaridades e preferências, demandadas para agentes que proverão as informações e serviços encomendados.

Segundo Nelson Hoineff (1996) “a velha televisão morreu e uma nova televisão acaba de nascer. Os responsáveis pela morte de uma e pelo nascimento de outra são os mesmos: a revolução nas tecnologias de distribuição de sinais e o desenvolvimento dos processos de digitalização” (p. 15). Para ele, a televisão enquanto modelo de comunicação massivo, atuava como genérica e organizadora. No Brasil, segundo o autor, esse modelo encontrou um “campo fértil” para desenvolver-se, sendo substituída, nesse novo ambiente, por um veículo desmassificante, segmentado e organizável.

Em relação ao contexto brasileiro, segundo Rita Gastal (1995), os anos 90 marcam o desenvolvimento da TV por assinatura no mercado nacional. Essa nova forma de distribuição de conteúdos por assinatura tem seus sinais transmitidos de forma codificada a

¹ Transmissão voltada para grupos específicos de interesse (nichos de mercado)

telespectadores dispostos a pagar por uma programação diferenciada da TV tradicional e de um sistema “aberto”. Esse sistema utiliza-se das seguintes tecnologias de transmissão: Distribuição de sinais via satélite (DBS – *Direct Broadcast Satellite*), Sistema de distribuição de canais por microondas (MMDS – *Multipoint Multichannel Distribution System*), ou Cabo, que utiliza cabo coaxial ou fibra ótica.

3.2 As linguagens das mídias no Brasil

3.2.1 O jornalismo impresso

O formato das notícias² nos veículos de comunicação de massa, segundo Elcias Lustosa (1996, p.70) apresentou transformações significativas ao longo do tempo. Nesse processo, os veículos de comunicação foram aprimorando a codificação das suas mensagens a partir dos canais utilizados em cada mídia. Estabelecendo, assim, uma linguagem específica em cada veículo relacionada às peculiaridades de sua recepção por parte da massa e às características particulares de cada canal.

No processo histórico do jornalismo impresso, Lustosa (1996), distingue cinco fases correspondentes às grandes etapas da história do jornalismo no Brasil. A primeira fase abrangeu o período de 1808 a 1827, quando todas as matérias eram comentadas, repletas de opiniões e de observações pessoais que enalteciam os princípios morais e cristãos. A segunda, que se estendeu de 1827 a 1889, marca uma época em que prevaleciam os textos que contavam os fatos cronologicamente. Nesse período, nota-se a redução das opiniões, adquirindo maior destaque o material informativo diferenciado pelo surgimento da agência de notícia. Na terceira fase, de 1889 a 1930, período que precede a era Vargas, os veículos

² Notícia, segundo Lustosa (1996), resumidamente, é o relato de um fato. A notícia tem sua legitimação pelo trabalho do discurso da informação. Ainda segundo o autor, sob a perspectiva da Indústria Cultural, a notícia desenvolveu componentes que servem para chamar a atenção e conquistar o leitor para o produto.

começam a adotar notícias quase que exclusivamente informativas, tendo como norma a exclusão de qualquer juízo de valor ou opinião pessoal do jornalista.

De 1930 a 1969, já na era Vargas, os veículos de comunicação, principalmente os impressos, desenvolvem uma técnica de construção do texto informativo, com a criação do lide³. Os jornais adotam matérias mais enxutas, com menos adjetivação e maior precisão. A produção da notícia passa a não depender somente da capacidade do redator escrever bem, mas também passa a incorporar uma técnica. Para Alberto Dines, no fim dos anos 1940, os jornais “voltaram-se para a valorização da notícia e de sua construção” (*apud* Lustosa, 1996, p.71). Para mostrar o que acima discuto, ou seja, a objetividade da notícia nos veículos impressos, apresento como exemplo, a capa do jornal Zero Hora, do dia 14 de maio de 2001 (Figura 1). Essa, aborda de forma objetiva, o tema que será fonte de análise deste estudo, enfocando o método de racionamento de energia a ser adotado no Brasil.



Figura 1: capa de Zero Hora de 14 de maio de 2001

³ Lide, do inglês *lead*, segundo Mário Erbolato (1991) é um parágrafo sintético com o qual se inicia a notícia para prender a atenção do leitor, a partir de um modelo desenvolvido pelos teóricos e pelos pesquisadores em comunicação.

A partir da década de 50, a opinião da notícia passou a ser exclusiva de colunistas e dos donos do veículo impresso. A profissionalização do jornalismo, segundo Mário Erbolato (1991), levou à separação entre o relato e a descrição do fato e a análise e o comentário da mesma ocorrência, que foram divididos em duas seções, a do informativo e a do opinativo. Esse modelo de formulação dos textos excluiu a manifestação de comentários pessoais do repórter. Foi estabelecida, assim, a propriedade da opinião, criando as “páginas de opinião”, com o editorial – espaço reservado à defesa das causas e interesses do veículo – e os textos de articulistas e de colunistas, que podiam manifestar seus próprios pontos de vista. Os jornais passaram a esclarecer, no espaço chamado de expediente (Figura 2), que não se responsabilizavam pelas opiniões emitidas nas matérias assinadas.

REDAÇÃO

PARA FALAR COM A REDAÇÃO:
(51) 218-4300
FAX: (51) 218-4799

ATENDIMENTO AO LEITOR:
(051) 218-4332
E-MAIL: leitor@zerohora.com.br

Diretor de Redação
Marcelo Rech ☎ 218-4301
marcelo.rech@zerohora.com.br

Editores-chefes
Marta Gleich ☎ 218-4305
marta.gleich@zerohora.com.br
Ricardo Stefanelli ☎ 218-4303
ricardo.stefanelli@zerohora.com.br

Editores

Arte (Luiz Adolfo Lino de Souza ☎ 218-4320)
luiz.adolfo@zerohora.com.br

Economia (Marta Isabel Hammes ☎ 218-4701)
marta.hammes@zerohora.com.br

Esportes (David Coimbra ☎ 218-4350)
david.coimbra@zerohora.com.br

Fotografia (Ricardo Chaves ☎ 218-4758)
ricardo.chaves@zerohora.com.br

Geral (Altair Nobre ☎ 218-4727)
altair.nobre@zerohora.com.br

Interior (Rosane Trema ☎ 218-4753)
rosane.trema@zerohora.com.br

Mundo (Luciano Peres ☎ 218-4345)
luciano.peres@zerohora.com.br

Opinião (Nilson Souza ☎ 218-4315)
nilson.souza@zerohora.com.br

Política (Rosane de Oliveira ☎ 218-4387)
rosane.oliveira@zerohora.com.br

Segundo Caderno (Claudia Laitano ☎ 218-4372)
claudia.laitano@zerohora.com.br

Gerente Administrativo (Carlos Rolim ☎ 218-4322)
crolim@zerohora.com.br

Agência RBS (Clevis Heberle ☎ 218-4771)
cleberle@zerohora.com.br

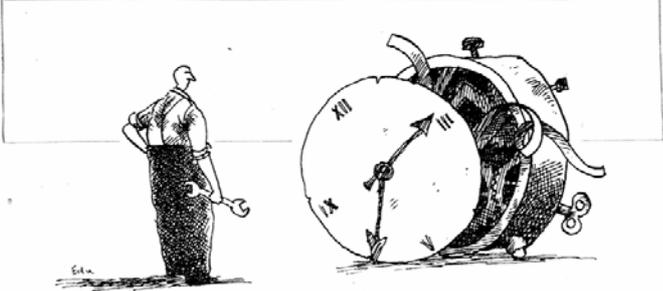
Cobertura nacional pela Agência RBS de Notícias e agências Globo, Estado e Folha. Noticiário internacional da AFP e AP, Grupo Diários América e Los Angeles Times Syndicate.

FILIADO AO IVC - INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO, ANJ E CONAR

Figura 2: Expediente do Jornal Zero Hora

Como forma de exemplificar a estrutura até hoje vigente nos jornais, apresento abaixo um dos editoriais publicados na página 12 do jornal Zero Hora, no dia 14 de maio de 2001 (Figura 3). Este editorial é reservado à direção da RBS e faz uma crítica à crise energética no Brasil e às suas conseqüências.

O desafio energético



Artigo publicado recentemente no jornal O Estado de S. Paulo, de autoria de dois ex-ministros de Minas e Energia, um ex-ministro da Indústria e Comércio e dois ex-presidentes da Eletrobrás, examina em profundidade as origens e as perspectivas da crise energética que avassala o Brasil. O diagnóstico não é exatamente otimista. Lembram os especialistas que o risco do racionamento ronda o país desde 1996 e que as medidas que ora estão sendo adotadas chegam tarde e são insuficientes. Por isso, propõem que o Estado reassuma o seu papel de investidor, fazendo com que a Eletrobrás volte a investir em áreas que dificilmente atrairiam o setor privado pelo montante dos recursos exigidos. Particularmente neste momento, a questão se presta para uma reflexão profunda.

Em verdade, os primeiros sinais do atual cenário já eram detectáveis na década de 80, quando a falta de recursos do setor público levou ao abandono de projetos imprescindíveis para a garantia do abastecimento. Até 1989, o país investia o equivalente a cerca de US\$ 10 bilhões anuais em energia, média que caiu para a metade nos últimos cinco anos. O novo modelo de investimentos, com forte participação da iniciativa privada, sequer foi integralmente regulamentado até hoje, não

Energia Elétrica (Aneel), sem que fique claramente definido a quem cabe o comando. Não surpreende, portanto, o fato de que o abastecimento do setor elétrico esteja refletindo hoje esse elevado grau de desorganização.

Diante das dificuldades iminentes, os autores do estudo – dentre os quais o ex-ministro João Camilo Penna – sugerem que o Estado reassuma em parte o papel de investidor. Detentora de recursos fartos, a estatal de energia deixaria de financiar o déficit público, canalizando investimentos para obras de grande porte. A retomada dos investimentos públicos é matéria que exige detida atenção do governo no momento em que o colapso no abastecimento pode estrangular o próprio crescimento econômico.

O país só está na iminência de começar a pagar esse elevado ônus pelo fato de ter-se preocupado mais em aproveitar os ganhos financeiros imediatos da privatização para fazer caixa. Ao contrário do que ocorreu nos Estados Unidos – particularmente na Califórnia, que enfrenta total desorganização no abastecimento –, o governo brasileiro não deu tempo para que os consumidores se preparassem adequadamente. Só às vésperas do início do racionamento é que está designando o ministro Pedro Parente para coordenar um plano do qual ainda se conhece pouco. Agora, terá que se empenhar simultaneamente em medidas emergenciais e em providências de

A retomada dos investimentos públicos é matéria que exige detida atenção do governo neste momento

Figura 3: editorial da página 12 de Zero Hora, no dia 14 de maio de 2001

Na continuidade da discussão sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo no jornalismo impresso, de 1969 até os dias atuais, segundo Lustosa (1996), os meios impressos receberam interferência visual, principalmente, da televisão. Essa mídia passa a definir o padrão estético dos veículos impressos, especialmente, dos jornais e das revistas.

Inicialmente, essa fase é marcada pela decretação do AI-5, quando começa o período mais duro da ditadura militar brasileira. No seu transcorrer, consolida-se o papel das televisões como o mais importante veículo de comunicação. Esse processo, de interferência da televisão no jornalismo impresso, ocorre de modo gradativo até a consolidação e o império absoluto da televisão por volta de 1980.

No caso do jornalismo impresso, é importante destacar que a informatização – muito intensificada nos anos 80 – lida com grandes mudanças estéticas. Passa a adotar o que o autor define como “notícia plástica ou iconográfica” (p.73), em que são utilizados os gráficos, as ilustrações e os desenhos, configurando o modelo televisivo nos jornais e nas revistas.

A respeito da ação da Televisão nas outras mídias Alberto Dines (*apud*, Erbolato, 1991) destaca:

A imagem no vídeo (TV) não provocou a revolução da informação. Ela obrigou o resto da veiculação a apressar-se para entrar em seu ritmo e satisfazer às novas necessidades que criou (...) “Começava a era do jornalismo interpretativo, analítico, avaliador. Ao mesmo tempo, tinha início a fase da melhoria visual dos jornais. Não apenas mais bem paginados, os jornais passaram a organizar o seu conteúdo, dando à informação aspecto mais profundo e mais permanente” (...) “Nesse momento, o *lead* clássico, contendo as seis questões primárias de Kipling (Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como?), avançou, para buscar circunstâncias mais profundas, como a dimensão, a remissão e a explicação dos fatos, já que a TV satisfazia às iniciais (p.27).

Erbolato (1991) considera que o rádio e a televisão tiraram dos jornais duas iniciativas significativas da notícia impressa: o *furo* (informe dado em primeira mão) e a *edição extra* (sempre que algum fato sensacional a justificasse). Nenhum processo de produção jornalística de veículos impressos tem condições de competir com a rapidez das palavras transmitidas pelas ondas que transmitem a mensagem do radiojornalismo.

Para Erbolato (1991), “a revolução tecnológica dos últimos anos trouxe modificações profundas na comunicação de massa. O livro e o jornal, que eram tradicionais, receberam o impacto do cinema e, mais recentemente, o do rádio e o da televisão. Mas a própria imprensa

muito se beneficiou com o progresso, principalmente no campo da eletrônica, o que lhe permite divulgar informações mais amplas e rápidas” (p. 16).

Outro aspecto refere-se ao contexto em que a informação é produzida, numa sociedade de consumo voltada ao atendimento do mercado, ela deve ser instantânea para ter valor e ser vendida. Erbolato (1991), ao traçar um paralelo entre os aspectos característicos do jornalismo impresso e os do rádio e da televisão, discute outras transformações que ocorreram no jornalismo impresso para atender esse contexto e vender o seu produto. Para ele, os jornais impressos tiveram que criar estratégias no que lhes fosse favorável, no caso, as notícias, que eram superficiais, foram transformadas estruturalmente. O recurso foi oferecer aos leitores reportagens que complementavam aquilo que foi ouvido no rádio e na televisão. Incorporou-se, assim, no texto jornalístico, dados provenientes de pesquisas, tendo como fonte os arquivos dos jornais e das bibliotecas e as informações da equipe de repórteres que ligam dados secundários ao fato principal.

Outra estratégia utilizada pelo jornalismo impresso, para vender o seu produto, vem a ser a produção de matérias com interesses locais ou regionais. Dentre os aspectos que marcam o papel social do jornal, segundo Ana Prado (ANO), encontra-se o vínculo que o jornal estabelece com a cidade, criando um sentimento de comunidade e funcionando como uma marca identitária. O jornal, segundo ela, teve, e tem, como preocupação narrar a cidade, atuando como um elo de ligação, mesmo nos dias de hoje, quando as cidades fragmentam-se em partes distintas.

No caso do jornalismo impresso brasileiro, tal característica pode ser vista, por exemplo, conforme comenta Ana Prado (ANO), no jornal *Folha de São Paulo*. Conforme a autora, para nenhuma outra cidade brasileira aplica-se melhor a idéia de fragmentação do que para São Paulo, uma das maiores metrópoles do mundo. No entanto, caso consideremos como referência a *Folha de S. Paulo*, que já poderia ter perdido seu vínculo com a cidade, é possível ver que o jornal adota como estratégia editorial valorizar a cobertura local. Em ocasiões como o aniversário da cidade, por exemplo, reserva amplas edições em que narra a cidade - seus personagens, pontos de encontro tradicionais, aspectos marcantes dos hábitos cotidianos do paulistano etc -, buscando criar e manter uma imaginária unidade da sua população. Mesmo assim, o jornal mantém esse papel, o de ser um ponto de convergência das vivências e dos interesses daqueles que habitam a cidade. Nesse sentido, pode-se considerar que o jornalismo

impresso contribui para o fortalecimento de características que marcam uma determinada comunidade, como o sentimento de pertencimento, de territorialidade e de permanência, o caráter cooperativo e a idéia de um projeto comum.

Para manter-se, diante do atual mercado de consumo, segundo Lustosa (1996), o jornal, precisa apresentar um conteúdo, a notícia, com qualidade e boa apresentação. Para ele, a qualidade deve prevalecer sempre sobre a apresentação, isto é, o primordial é a informação. O autor afirma que de nada adianta ter a mais eficiente máquina gerencial e os equipamentos da mais alta tecnologia, se o produto colocado no mercado não for dotado de boa qualidade. Em caso contrário, não será aceito pelo consumidor. Para Lustosa (1996) o jornal, atualmente, apresenta as seguintes características:

- 1) trata dos fatos ocorridos no dia anterior; assim, relata o que passou;
- 2) oferece ao leitor um exame analítico e uma reflexão sobre os acontecimentos;
- 3) é abrangente, cobrindo uma vasta gama de assuntos;
- 4) combina dois códigos, o escrito - texto - e o visual fotografia, ilustrações e apresentação gráfica;
- 5) é temporal, ou seja, só vale por um dia, no outro, será jogado fora. (p.86)

Segundo Lustosa (1996), outro elemento muito importante no texto da matéria do jornal é a redundância, imposta por sua temporalidade. Pelo fato dos leitores não armazenarem as edições de jornais, a fim de resgatar assuntos já tratados, o jornal repete constantemente as informações básicas de matérias publicadas no dia anterior, acrescentando dados novos.

Dessa forma, o texto da notícia no jornalismo impresso, agrega tanto fatos do passado quanto os mais atuais. Para exemplificar uma das formas pela qual o jornal busca aprofundar os assuntos tratados, apresento um Box, publicado em Zero Hora, na página 15 do dia 14 de maio de 2001 (Figura 4), em que há um esclarecimento sobre a Câmara de Gestão da Crise Energética, criada recentemente.



Figura 4: Box da página 3 de Zero Hora de 14 de maio de 2001

3.2.2 O radiojornalismo

Quando das primeiras transmissões, na década de 20 do século passado, segundo Lustosa (1996), as emissoras de rádio reproduziam o texto dos jornais, em seus noticiosos, e o texto das peças de teatro, em suas novelas. A receptividade dos ouvintes levou à criação de uma linguagem específica para essa mídia, o que, posteriormente, ocorreu também com a televisão. O início do radiojornalismo foi marcado por locutores de rádio que liam os jornais no ar.

Segundo o mesmo o autor, foi depois da década de 30, na chamada *Era do Rádio*, que as emissoras começaram a construir uma linguagem própria, graças à viabilização de suas atividades, em termos econômicos. A linguagem do texto, nesse novo suporte, deve considerar que não existe a possibilidade de uma outra leitura, como a oferecida pelo texto impresso, para um melhor entendimento do ouvinte. Assim, há a necessidade da repetição da informação básica para entendimento do que está sendo falado ao longo da transmissão de uma notícia.

O exemplo que apresento abaixo, ilustra o uso da redundância no texto de rádio. Trata-se da notícia sobre a crise energética, apresentada no programa *Correspondente Ipiranga*, edição 12h50min (Figura 5), que mantém intactas as características fundamentais do radiojornalismo introduzidas nessa época.

José Aldair - O presidente Fernando Henrique Cardoso chegou esta manhã ao Palácio da Alvorada depois de passar o fim de semana em São Paulo. O presidente está se preparando para participar esta tarde de reunião da Câmara de Gestão e Energia, que discutirá a crise energética no país. No encontro também vai ser definido o racionamento de energia elétrica. A secretária gaúcha de Minas e Energia disse hoje que mesmo que a chuva seja 20% inferior às previsões nos próximos meses, não haverá necessidade de racionamento na Região Sul. Dilma Rousseff criticou a sugestão de incluir os Estados do Sul no racionamento sem ter estudos preliminares. O mesmo entendimento foi manifestado pelas distribuidoras de energia do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, que se reúnem hoje em Florianópolis para tratar do assunto.

Figura 5: Transcrição do Correspondente Ipiranga das 12h50min, da Rádio Gaúcha, de 14 de maio de 2001

Em relação à estrutura geral do texto, outro elemento fundamental, segundo Lustosa (1996) são as frases curtas, sem que ultrapassem três linhas. Ao considerar a oralidade como o ponto principal dessa mídia, o autor ressalta que o redator de rádio deve construir frases sucintas que permitam ao locutor respirar e ler com fluência a matéria, para que a transmissão das mensagens seja eficiente. Para ele, também, um redator de rádio que não conheça as regras de pontuação, poderá impossibilitar o trabalho do locutor, acarretando problemas na divulgação dos textos e prejuízos para a qualidade das notícias da emissora.

Um marco expressivo na definição de uma linguagem específica para a notícia radiofônica, foi, segundo Lustosa (1991), *O Repórter Esso*. Esse programa foi transmitido a partir da Segunda Guerra Mundial e apresentado por Herón Domingues por 18 anos, com informações consideradas atualizadas e modernas. Esse programa, que inspira os noticiosos até hoje, introduziu as seguintes regras no radiojornalismo:

- 1) relatar somente fatos, sem comentários adicionais;
- 2) aproveitar somente notícias e informações comprovadamente corretas;
- 3) mencionar a fonte de toda notícia sujeita a controvérsias, evitando que o ouvinte fique com a impressão de que sua divulgação foi uma decisão do jornalista ou ocorreu por conta da emissora que o emprega, ou, ainda, por interesse da agência de notícia ou do patrocinador;
- 4) quando for necessária uma citação direta, deve-se deixar bem claro para o ouvinte que aquelas palavras foram proferidas pela pessoa em causa, que deve ser mencionada (p.92 - 93).

Outra característica explorada pelo radiojornalismo, como mecanismo para atrair o público, segundo Lustosa (1996), é a instantaneidade. Esse atributo visa manter o ouvinte envolvido na situação em que ocorrem os fatos. Um aspecto da instantaneidade que caracteriza o rádio, segundo Maria Elisa Porchat (1989), refere-se à necessidade da informação atingir o ouvinte no momento exato em que o fato acontece. A fim de que seja construída a instantaneidade, segundo Lustosa (1996), o radiojornalismo articula o envolvimento dos jornalistas, da emissora e do ouvinte para que esse último se sinta como participante naquele fato. Para ilustrar a instantaneidade e o propósito de envolver o ouvinte com o relato da notícia, apresento abaixo uma parte do programa *Atualidade*, da Rádio Gaúcha, em que o apresentador, Armindo Antônio Ranzolin (Figura 6), chama o repórter ao vivo da cidade de Florianópolis, onde ocorrerá uma reunião entre os diretores das distribuidoras de energia elétrica da Região Sul.

Armindo A. Ranzolin - Em Florianópolis, estarão reunidos os presidentes de cinco distribuidoras do Sul: Celesc, de Santa Catarina, Copel, do Paraná, CEEE, AES Sul, RGE, aqui do Rio Grande do Sul para ratificar a posição contrária ao racionamento na Região Sul. Detalhes que vêm com o repórter Luciano Almeida.

Luciano Almeida - Bom dia Ranzolin, hoje à tarde em Florianópolis secretários de Energia dos Estados do Sul do país e presidentes das cinco empresas distribuidoras de energia elétrica do Sul estão reunidos na sede da Celesc, no Itacomrubi, em Florianópolis. As empresas querem definir estratégias e proposições para minimizar o impacto do racionamento na Região Sul. Eles também vão discutir a adoção de um plano conjunto de ações preventivas, voltadas à racionalização do uso de energia elétrica. Os secretários e presidentes das empresas vão concluir os estudos técnicos da avaliação eletro-energética da Região Sul, iniciados na última semana, em Porto Alegre. O documento vai ser entregue à Aneel, a Agência Nacional de Energia Elétrica. De Florianópolis, Luciano Almeida.

Figura 6: Transcrição do programa *Atualidade*, da Rádio Gaúcha, de 14 de maio de 2001

Outra característica do radiojornalismo que visa manter a sua audiência, segundo Luiz Artur Ferraretto (1992), diz respeito à organização hierárquica que ocorre na organização do texto radiofônico. Segundo o autor, o texto radiofônico é “um resumo que inicia sempre pelo aspecto mais importante do fato, hierarquizando os detalhes restantes (técnica da pirâmide invertida). A notícia no rádio não é, entretanto, apenas correspondente ao lide da imprensa

escrita. Possui suas próprias características para abertura e desenvolvimento do texto (...).” (p.12)

Para ilustrar a hierarquização citada, que configura o texto radiofônico, apresento abaixo, o segmento inicial do programa *Chamada Geral 1ª Edição*, também da Rádio Gaúcha (Figura 7). Nesse texto, a notícia sobre a possibilidade da Região Sul ser excluída do racionamento de energia elétrica foi escolhida como a mais importante do programa, ao mesmo tempo, a construção dessa notícia inicia com informações consideradas, também, como as mais importantes.

Antônio Carlos Macedo - Índice de chuva reduz possibilidade de racionamento de energia elétrica na Região Sul
Guilherme Portanova - De acordo com o Comitê de Operações de Planejamento do Setor Elétrico, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o Paraná têm poucas possibilidades de sofrerem cortes mesmo auxiliando os Estados do Sudeste. Os reservatórios do Sul terminaram o período de seca com mais de 90% da capacidade total para geração. Hoje, a secretária Dilma Roussef está em Fortaleza com outros secretários de Minas e Energia discutindo o problema do abastecimento.

Figura 7: Transcrição do programa *Chamada Geral 1ª Edição*, da Rádio Gaúcha, de 14 de maio de 2001

Outro aspecto do texto radiofônico, segundo Lustosa (1996), diz respeito à linguagem utilizada para dirigir-se aos ouvintes. Os apresentadores dos programas de notícias do rádio e da televisão buscam evitar uma linguagem coloquial e denotativa com exagerada intimidade com os ouvintes. A notícia por ser entendida como algo sério, para o autor, deve ser narrada por uma pessoa que faça jus ao respeito do público e dê seriedade a ela. Dessa forma, os apresentadores dos noticiosos deverão ser pessoas cuja postura e solenidade exigirá o tratamento respeitoso e distante, utilizando-se dos termos *senhor* ou *senhora* e dirigindo-se, também, aos ouvintes e aos entrevistados com essa mesma formalidade.

Para que se estabeleça uma relação entre o enunciado do locutor e o ouvinte, Dominique Mangueneau (2001) diz que o destinatário deve considerar que o produtor do enunciado respeita certas “regras do jogo”, como, por exemplo, que o enunciado é “sério” e que foi produzido para comunicar algo que diz respeito àqueles a quem se dirige. Essa característica do enunciado, de ser sério, para o autor, não está no enunciado, mas é uma condição para uma interpretação correta. Segundo o autor, essa condição não se faz por intermédio de um contrato explícito, mas através de um acordo, no qual cada um dos envolvidos postula que seu

parceiro aceita as regras e espera que o outro as respeite, o que constitui essas regras como leis do discurso. Outro aspecto que aparece na construção do discurso, segundo Mangueneau (2001), refere-se ao caráter heterogêneo na construção do texto. Para ele, o texto não é produzido por um só locutor. No caso de um debate, ou uma conversa, o texto é constituído por vários locutores.

Para tornar visível essa formalidade de tratamento, referida acima, e o caráter polifônico na construção do texto, apresento abaixo um diálogo que transcorreu entre o locutor, Armindo Antônio Ranzolin, no programa *Atualidade*, da Rádio Gaúcha (Figura 8), e um economista, em que discutiam a questão do racionamento da energia elétrica na Região Sul.

Armindo Antônio Ranzolin - Está na linha o doutor Carlos Faria. Bom dia.
Carlos - Bom dia, Ranzolin.
Ranzolin - Prazer em tê-lo aqui conosco.
Carlos - Da mesma forma.
Ranzolin - O Senhor é engenheiro?
Carlos - Economista.
Ranzolin - Mas o senhor é coordenador de um grupo temático de energia do Conselho de Infraestrutura da Federação das Indústrias do Estado, da Fiergs, né?
Carlos - Eu acompanho a área de Energia há bastante tempo, já.
Ranzolin - Bom, nós queremos ouvi-lo porque nós estamos diante de um quadro ainda meio em matéria de informação. Acho que o primeiro Apagão é aqui: a desinformação. Nós precisamos acender as luzes aqui nessa pré-hora, né. Hoje a Câmara de Gestão de Energia vai se instalar e o governo tem um ministro, Pedro Parente, que está dirigindo esta Câmara, não é? Que tem vários ministros, José Jorge, de Minas e Energia, Pedro Malan, da Fazenda, diretores da Aneel, enfim, presidente do BNDES, presidente da Itaipu nacional... Pra clarear, o que nós podemos esperar em matéria de racionamento? Mas eu quero começar, antes de o senhor falar de providências aqui, é sobre esta matéria que nós reproduzimos há pouco com a secretária Dilma Rouseff... Não sei se o senhor ouviu...
Carlos - Não, não...

Figura 8: Transcrição do programa *Atualidade*, da Rádio Gaúcha, de 14 de maio de 2001

3.2.3 O telejornalismo

Um importante papel da televisão, discutido nos estudos inspirados na perspectiva pós-moderna, refere-se à recriação da realidade. Ao discutir a televisão a partir de Muniz Sodré, Lustosa (1996) diz que esse veículo de comunicação de massa recria uma realidade mais atraente, um *simulacro*. Essa simulação, ao transformar a imagem em objeto como se ele realmente existisse, torna impossível distinguir entre a realidade e o simulacro. A simulação por imagem, como ocorre na televisão, segundo Jair Ferreira dos Santos (*apud*, Lustosa, 1996), apaga a diferença entre o real e o imaginário, entre o ser e a aparência. Nessa perspectiva, o simulacro torna-se o real.

Segundo Juçara Brittes (ANO), a simulação, ao correlacionar uma combinação de dispositivos de comunicação, tais como as cores, a imagem em movimento, a posição no espaço, os sons, o embelezamento, dentre outros, gera um sentido para o real. Essa combinação, segundo Jair Ferreira dos Santos (*apud*, Lustosa, 1996) “fabrica um *hiper-real*, espetacular, um real mais real e mais interessante que a própria realidade” (p.96).

Aliada a essa combinação, pode-se dizer, segundo Vera Íris Paternostro (1999), que a profusão de informações visuais e superficiais apresentadas ao telespectador, num curto espaço de tempo, impede que ele realize um pensamento crítico em relação ao conteúdo apresentado na televisão.

Para ilustrar a fragmentação do texto em televisão, apresento abaixo (Figura 9), a transcrição do texto utilizado na composição da notícia sobre a reunião dos dirigentes das distribuidoras da Região Sul do Brasil, sobre o racionamento de energia elétrica, veiculada no programa *RBS Notícias*, de 14 de maio de 2001.

Elói Zorzetto – O Sul do Brasil se une contra o racionamento de energia. Os distribuidores do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul vão insistir com o governo federal para que não haja cortes.

Off sobre vídeo – A explicação vem em gráficos. O Sul do país não precisa fazer racionamento porque tem água suficiente nos reservatórios para gerar energia para os três Estados e ainda gerar mil e oitocentos Megawatts para o Sudeste.

Vicente Bauer – presidente CEEE – Mesmo se projetando chuvas aquém da média história e mesmo o Sul despachando para o Sudeste toda a energia que ele pode, e na nossa opinião deve despachar para o Nordeste, ainda assim teremos água suficiente para atravessar o ano de 2001 e chegar a um nível de reservatórios razoáveis no final do ano.

Off – Ainda assim, os representantes das cinco empresas distribuidoras do Sul definiram medidas de economia, que devem ser adotadas por Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os prédios públicos devem reduzir gastos em pelo menos 20%. O Programa Reluz, para a troca de lâmpadas na iluminação pública, deve ser agilizado. Além de campanhas de racionalização do uso de energia para indústria e residências.

Francisco Kuster – Presidente da Celesc – No momento, não existe essa necessidade no Sul, mas poderá se a gente se descuidar.

Figura 9: Transcrição de notícia sobre a reunião de Florianópolis, na RBS TV

Dessa forma, para Lustosa (1996), a televisão produz e estimula a fantasia, uma vez que, o jornalismo, na televisão, transmite os acontecimentos como se fossem *shows*. Pelo olhar, o telespectador, apreende da televisão não só a fantasia, mas também códigos culturais que consagram, por exemplo, a banalização da miséria do povo, da dor ou do horror. Tais acontecimentos são mostrados como longínquos, predeterminados, sem condições de serem modificados ou como se ninguém tivesse qualquer compromisso ou responsabilidade para com a realidade social. Para o autor, a televisão gera uma proximidade falsa e imaginária, em que se estabelece uma contradição. Enquanto o telespectador faz parte e não é parte, ou melhor, faz parte, mas não participa, ele está protegido, no conforto da sala de sua casa, e se sente absolvido de qualquer culpa ou responsabilidade sobre todos esses episódios.

Outro aspecto relativo ao telejornalismo refere-se à relação intrínseca entre texto e imagem. Conforme Paternostro (1999), o telejornalismo tem como preocupação a produção de um texto e de uma imagem que caminhem juntos, sem que haja competição entre ambos. O texto tem que ter relação com o que está sendo mostrado, caso contrário, não tem porque existir, perdendo a sua função. É função do texto apoiar a imagem e não se opor a ela. Abaixo, exemplifico a composição de texto (dito) e imagem na constituição do discurso

televisivo, com a transcrição de notícia apresentada no Jornal TVCOM, em 14 de maio de 2001 (Figura 10), sobre a reunião da Câmara de Gestão da Crise de Energia, ocorrida em Brasília.

Osiris Marins – O governo federal descarta o racionamento das regiões Sul e Norte do país. Pelo menos, por enquanto. As alternativas para forçar o país a reduzir o uso de energia foram discutidas hoje em Brasília.

Roda VT

Off sobre vídeo – O governo antecipou do dia 23, para a próxima sexta-feira, a reunião do Conselho Nacional de Política Energética para definir definir o plano de racionamento nas regiões Sudeste, Centro-oeste e Norte do país. A Câmara de Gestão da Crise de Energia, que se reuniu hoje no Palácio do Planalto, não confirmou que o racionamento vá mesmo começar no próximo dia 1º. Mas assegurou que antes disso os cortes não vão acontecer.

Standup Brasília – Na primeira reunião da Câmara de Gestão da Crise de Energia, o presidente Fernando Henrique Cardoso que todas as unidades do serviço público vão ter que gastar 15% menos de energia ainda este mês, em relação ao mesmo período do ano passado. Em junho, a redução vai ser de 25%. E em julho, de 35%. Para isso, o expediente vai ser reduzido em uma hora. Vai terminar às 17hs. O ministro-chefe da Casa Civil, Pedro Parente, coordenador da Câmara, informou que ainda não está certo que o racionamento vá ser estendido às regiões Sul e Norte do país. Isso só vai acontecer, se as duas regiões passarem a doar quantidade de energia inferior à capacidade das linhas de transmissão.

Roda VT

Entrevista Pedro Parente – As regiões que tem energia sobrando, elas transferem energia para as demais regiões. No presente momento, a região Sul e a região Norte estão tendo condições de atender o seu consumo pleno e transferir a sua sobra no limite dos sistemas de transmissão para as regiões Sudeste e Centro-oeste. Essas regiões serão chamadas a participar na hipótese em que os sistemas de transmissão não puderem ser utilizados a plena carga na transferência de energia. Ou seja, o seu consumo está sendo maior do que aquilo que pode ser transferido para as regiões Sudeste e Centro-Oeste. Então, não é certo hoje que essas regiões possam, irão entrar no regime, mas pode ser que entrem em função dessa característica.

Figura 10: cobertura da TVCOM sobre reunião do governo federal ocorrida em Brasília, 14 de maio de 2001

A imagem que, segundo Paternostro (1999), representa o signo mais acessível à compreensão humana, mostra de forma mais intensa sentidos ao telespectador do que aqueles que precisam ser narrados ou explicados de forma detalhada pelo rádio ou pelo jornal.

A televisão constitui um outro discurso ao integrar as linguagens, a visual e a oral, que vão enriquecer a reportagem jornalística. Segundo Paternostro (1999), a relação texto/imagem, produz um efeito que exerce fascínio e prende a atenção das pessoas, diferenciando o poder de penetração dessa mídia em relação às demais. O jornalista que trabalha em televisão precisa considerar e compreender a força da imagem visual, em relação à palavra, para obter um resultado de melhor qualidade na informação da mídia televisiva.

Relacionada à imagem, a televisão apresenta como importante característica, conforme Paternostro (1999), o imediatismo, devido a sua capacidade de transmitir a informação no momento em que ocorre o fato. A autora ressalta, ainda, que a informação da televisão requer hora certa para ser vista e ouvida.

Os programas de notícias da TV e do rádio, segundo Lustosa (1996), caracterizam-se por serem superficiais, pois os suportes dessas mídias limitam as informações transmitidas. Nessas mídias, as reportagens tornam-se resumos que pouco dizem sobre os fatos que se propõem a anunciar. No caso da televisão, o texto é formado por fragmentos soltos.

Além disso, a televisão, ao estar organizada no tempo, enquanto o jornal no espaço, gera uma mensagem que não pode ser aprofundada, tal como acontece na mídia impressa. A superficialidade das mensagens da televisão relaciona-se, também, com o alto custo das transmissões. Esse veículo precisa utilizar-se do poder de impacto dos dispositivos que compõem a sua mensagem de forma organizada e coesa para buscar um aprofundamento no menor espaço de tempo.

Ao ser organizada no tempo, a mensagem televisiva, para Paul H. Weaver (1993), apresenta-se como uma coleção de fatos selecionados e organizados que são apresentados numa linguagem analítica e consistente. Disso resulta que o noticiário televisivo apresenta um menor número de fatos ao telespectador. Para Erbolato (1991), “a rapidez trabalha em favor da televisão e do rádio, e o tempo, paradoxalmente, contra eles” (p.29).

Buscando uma qualificação da programação, no sentido de atender à diversidade de interesses dos telespectadores, os canais de televisão passaram a oferecer conteúdos específicos destinados a públicos distintos. Isso, dentre outros fatores, produziu uma segmentação dos conteúdos transmitidos através dessa mídia. A esse respeito, segundo Rita Gastal (1995), por um lado, desde a década de 50 quando se instalou no Brasil, a televisão generalista vem produzindo uma difusão ampla (*broadcast*) e uma programação voltada a

satisfazer a média dos telespectadores, fundada no faturamento da publicidade veiculada. Por outro, a televisão segmentada, dentre elas a TV por assinatura, vem trabalhando com sinais dirigidos a um público específico e identificado, com uma programação segmentada, conforme os interesses de seus assinantes e direcionada, geralmente, a membros das classes A e B⁴.

3.2.4 O jornalismo na internet

É nesse contexto de segmentação de mercado, de grande oferta de fontes de informação, que surge a internet no Brasil. Embora os veículos da internet apropriem-se de informações contextualizadas nos suportes tradicionais, tratados anteriormente neste texto, eles não se configuram como uma mídia de massa, o que passo a discutir.

Conforme, Erbolato (1991), para o jornalismo impresso no Brasil o analfabetismo tornou-se um problema. Com a internet, uma mídia composta basicamente pelo texto escrito, a exclusão relativamente a essa mídia potencializa-se, pois ao problema do analfabetismo agrega-se a complexidade de manipulação dessa nova tecnologia. O suporte informático, em que a internet se insere, exige dos usuários o domínio da interface⁵.

Embora, no Brasil, segundo Paulo Bastos Tigre (2001), haja um número considerável de pessoas com condições de usar a Internet, uma grande parcela da população não adquiriu as habilidades mínimas necessárias para um aprendizado contínuo. Segundo ele, “a taxa de analfabetismo no Brasil é de 17%, mas o número de ‘analfabetos funcionais’ é significativamente maior” (p.98). Ao analisar dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o autor destaca que menos de um terço da população brasileira tem uma escolaridade igual ao primeiro grau.

Segundo ele, a média nacional de estudo por pessoa é de 3,9 anos, sendo que, dos jovens em idade de cursar o segundo grau, somente 45% encontram-se matriculados. Para o autor,

⁴ Segundo Erbolato (1991), classe A corresponde ao grupo em que as famílias destinam 50% de seu orçamento familiar na satisfação de suas necessidades básicas. E classe B, aquele grupo de famílias que consomem de 60% a 80% de sua renda na satisfação de suas necessidades básicas. (p.22)

⁵ Segundo Alex Fernando Teixeira Primo (1999), “a interface homem/máquina refere-se aos aparelhos materiais (hardware) e programas (software) que fazem a mediação de comunicação entre um sistema informático e seus usuários”.

embora os avanços, na interface homem-máquina, venham tornando mais fácil o uso dos computadores, as habilidades cognitivas apreendidas através da educação formal são essenciais para a sua difusão. Uma das habilidades vista por ele como necessária para o domínio da informática encontra-se a fluência em inglês, pois a maioria tanto da literatura técnica em informática quanto dos *sites*⁶ estão disponíveis neste idioma. Isso, segundo o autor, limita o acesso da ampla maioria da população aos manuais, aos programas e aos *sites* existentes. Segundo Tigre (2001), fatores que vêm atenuando essa barreira são o rápido crescimento dos *sites* em português e o aumento no número de usuários que falam apenas, o português. A utilização da informática na educação é um outro fator que, segundo o autor, pode ampliar a difusão das novas tecnologias da informação (TI). Além da familiarização do aluno com os computadores, ele incorpora importantes ferramentas no aprendizado de outras disciplinas. No entanto, segundo ele, os programas de informática na educação brasileira vêm avançando de forma lenta devido à falta de verbas, à precariedade da rede escolar e à dependência de importações.

Outro fator que reduz o acesso a essa mídia refere-se ao poder de consumo. Para Paulo Bastos Tigre (2001), relacionada à educação, o poder vem a ser um fator social limitante da propagação da Internet. Conforme dados do IBGE apresentados pelo autor, em 1996, existiam no Brasil 7,8 PCs para cada 100 famílias, cuja distribuição era bastante desigual. Ao mesmo tempo em que praticamente metade dos domicílios com mais de 30 salários de renda familiar eram equipados com microcomputadores, em domicílios de famílias com renda inferior a 5 mínimos eles quase não existiam. Segundo o autor, as famílias com poder aquisitivo acima de 30 salários mínimos representam somente 10% do total de famílias brasileiras, contudo representam 60% do total de computadores domésticos utilizados. Os micros estavam presentes, também, em 17% dos domicílios pertencentes à classe média, com renda entre 20 e 30 salários mínimos.

Diferentemente da mídia de massa, ainda, conforme Ana Prado (ANO), o ambiente comunicacional representado pela internet é marcado pela interatividade e pela individualização/personalização tecnológica. Esses dois elementos, segundo a autora,

⁶ Qualquer uma das redes individuais, que, como todas, formam a internet.

sintetizam as tendências na relação homem-tecnologia, trazendo importantes implicações, nas próximas décadas, para a cultura humana.

A capa do clicRBS, no dia 14 de maio de 2001 (Figura 11), exemplifica o tratamento personalizado ao seu público. O texto “Calcule o quanto você pode economizar” se dirige diretamente ao leitor, com link para um produto, chamado especial, em que as pessoas podem calcular os gastos de acordo com o consumo de seus aparelhos eletrodomésticos. Este especial que será analisado mais adiante nesse trabalho.



Figura 11: Capa do clicRBS, 14 de maio 2001

Desde o início da década de 90, para a autora, vem ocorrendo um processo de “desmassificação”. As perspectivas para as mídias do futuro, mostram uma ênfase no consumo individualizado e personalizado da informação. Para João Messias Canavilhas (2001), “a máxima ‘nós escrevemos, vocês lêem’ pertence ao passado” (p.1).

Esse novo suporte, ao buscar atender os interesses pessoais, segundo Canavilhas (2001), disponibiliza opções de leitura aos seus usuários, que assumem um papel proativo. A internet,

ao possibilitar que o usuário conduza a sua própria leitura, cria condições para a configuração do hipertexto, um conjunto de textos interligados.

A estrutura do hipertexto, segundo Canavilhas (2001), apresenta uma hierarquização entre os textos disponíveis, na qual um primeiro texto introduz o essencial da notícia estando os restantes blocos de informação disponíveis por hiperligação. A integração de elementos multimídia na notícia gera um outro aspecto dessa mídia que se relaciona a não-linearidade na sua leitura.

Relacionado ao propósito de atender às demandas individuais, David Siegel (1998), destaca que nesse suporte os *sites* precisam satisfazer visitantes impacientes e diretos. Para tanto, o texto utiliza-se de elementos, a fim de suprir rapidamente as demandas por informação. Como defende Lynda Weinman (1998), na internet o texto vai usar elementos, como, por exemplo, os parágrafos pequenos e o uso de pesos diferentes, como negrito ou itálico. Os destaques possibilitam uma varredura visual na busca de palavras ou frases chaves, por parte do usuário, a fim de que esse capte os pontos vistos como importantes. Essa nova maneira de captar a informação, segundo Canavilhas (2001), representa 79% desse público, que não lê o texto na tela palavra por palavra. Além disso, a relação com esse suporte, segundo Juçara Brittes (ANO), torna-se mais tensa para seus usuários, seja porque os limita ao PC, clicando ou digitando em seus *inputs*⁷, seja porque os mantém sentados lendo páginas e páginas na tela.

A imagem abaixo ilustra o que os autores acima referidos afirmam a respeito da objetividade, uso de elementos visuais e de navegação, visando oferecer acesso rápido ao internauta sobre dado assunto. A cor bege no *design* do *site* indica que o leitor está na seção clicNotícias e a cartola (NOTA) “Energia” indica o assunto. O título é destacado com uma fonte em negrito (NOTA) e, abaixo do texto, uma área denominada “Saiba mais” utiliza hipertexto para o leitor poder ler assuntos anteriores a essa data sobre o mesmo assunto. À esquerda, um campo denominado “Busca” oferece a opção de procura de assuntos por inserção de palavra-chave e, à direita, das últimas cinco notícias publicadas no horário em que este acessa o *site*.

⁷ Dispositivos de entrada de dados.

The screenshot shows the clicRBS website interface. At the top left is the clicRBS logo. Below it are navigation links for clicRBS/RS and clicRBS/SC. A search bar is present with a 'Busca avançada' option. The main navigation bar includes HOME, NOTÍCIAS, ESPORTES, and a 'Fale conosco' link. The current page is 'clic Notícias' under the 'ENERGIA' category. The main article is titled 'Itamar pressiona FH para aceitar desafio' and discusses the governor of Minas Gerais, Itamar Franco, challenging President Fernando Henrique Cardoso on energy investments. A 'SAIBA MAIS:' section lists related news items with dates and times. On the right, there is a 'Últimas' section with a list of recent news items, including 'Rio Grande do Sul concorda com sacrifício de animais com aftosa' and 'Polícia prende suspeito de matar cozinheira em Campo Bom'. The top right corner shows the location 'Porto Alegre, 14/05/2001' and the temperature '13.7 °C'. At the bottom of the article, there are icons for 'Envie esta notícia a um amigo' and 'Imprimir'.

Figura 12: Notícia publicada no clicRBS, às 6h59min, de 14 de maio de 2001

Esses elementos que formam a composição do texto na internet são denominados, segundo Mangueneau (2001), como “paratexto” (p.81), que é a união de fragmentos icônicos variados. Tal como ocorre no discurso na televisão, como já vimos, em que o texto dito (em *off*) e o escrito (através do uso de caracteres, por exemplo) complementam a imagem.

Nesse contexto, Jacob Nielsen (*apud* Canavilhas, 2001), postula algumas regras para a construção do texto na internet, tais como:

- Destacar palavras-chave através de hiperligações ou cores, por exemplo;
- Utilização de subtítulos;
- Exprimir uma idéia por parágrafo;
- Ser conciso;
- Usar listas sempre que a notícia o permita (p.2).

Para atender, ainda, ao acesso rápido dos usuários, os *sites* de informação devem oferecer um sistema de busca por palavra-chave, no qual eles inserem o tópico da informação de interesse. Dessa forma, torna-se necessária uma atualização constante dos conteúdos dos *sites* de informação. Para Canavilhas (2001), na internet, o texto jornalístico não se apropria da periodicidade, presente nos veículos impressos. A atualização é constante e os destaques da primeira página estão em constante mudança.

Um índice de navegação, disponível ao usuário, hierarquizado por assunto e hora de publicação, mostra de que forma o clicRBS atualiza o conteúdo do site (Figura 13).

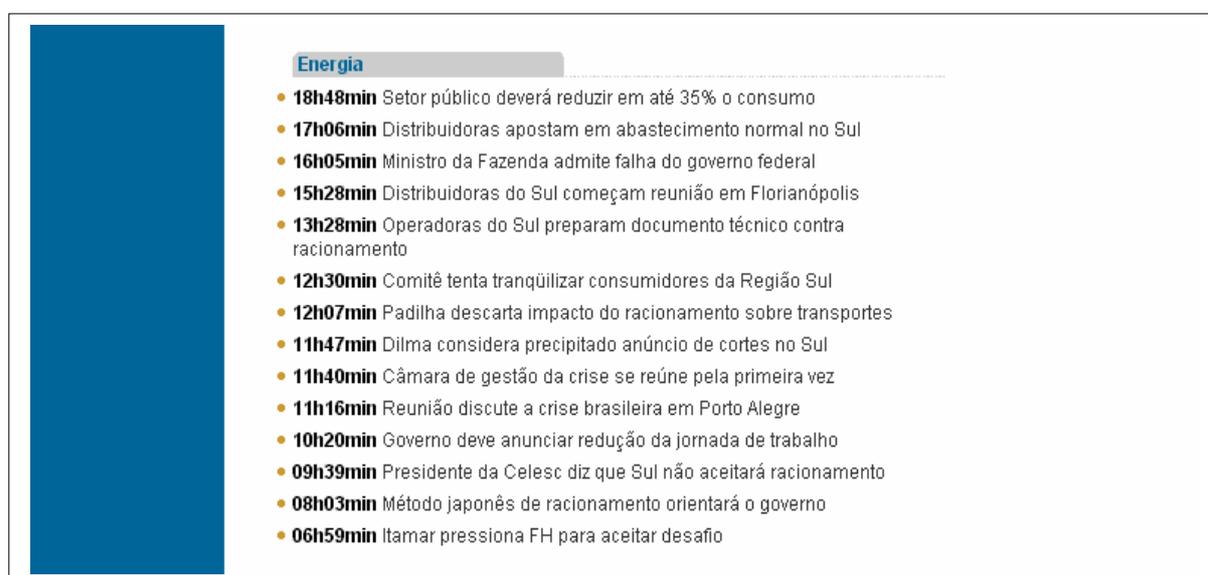


Figura 13: Índice do clicRBS, atualizado automaticamente, de 14 de maio de 2001

O termo *deadline* aparece nas redações de jornais como a “hora ou momento de fechamento de um jornal. Instante até o qual serão aceitos originais para remessa ao setor de composição”. Para Jayme Dantas (*apud* Mário Erbolato, 1991), “a agência de notícias é exatamente o jornalismo na mais alta velocidade”. Erbolato, ao concordar com essa afirmação, diz que “é certa a afirmação, pois os fatos devem ser divulgados poucos minutos depois de conhecidos (...)”. A meu ver, sob este ponto de vista, a periodicidade de uma

redação de jornalismo na internet, se assemelha mais a uma agência de notícias, do que uma redação de veículos impressos.

Segundo Ismar de Oliveira Soares (1996), o modelo de capitalismo atual é formado pela economia de mercado. Esse modelo é composto por uma série de dispositivos que comandam com a menor possibilidade de resistência, o mundo da produção e da troca. Para o autor, a fase do capitalismo, marcada pela queda do muro de Berlim, em 1989, passa por uma intensificação de uma economia supranacional, comandada por líderes de grandes empresas transnacionais. A chamada globalização possui algumas características evidentes relacionadas às relações econômicas, onde o Estado reduz sua interferência na economia dos países; à língua predominante, em que o inglês é a forma de comunicação desse mercado; e aos modos de comunicação, em que a revolução tecnológica vai ampliar a capacidade de comunicação. Essa revolução, ao qual vou deter minha análise, amplia, segundo Soares (1996), de forma excepcional a capacidade de produção, acumulação e veiculação de dados e de informações.

Segundo Soares (1996), “a globalização da economia atinge de forma direta o mundo da cultura” (p.10). Nesse sentido, os bens simbólicos, disseminados através dos meios de comunicação não escapam a uma subordinação da prática econômica. A chamada Era da Informação, cujo nome se dá pela interferência da revolução tecnológica nas mudanças econômico-ideológico-culturais, possui quatro atributos universais. Segundo o autor, A Era da Informação é planetária, em que as redes de informação ultrapassam os limites geográficos e sociais; permanente, pois as informações estão disponíveis 24 horas por dia; imediata, pois dá aos seus consumidores a sensação de serem contemporâneos em relação ao seu mundo; e imaterial, pois o objeto de comunicação, ao ser consumido, sedimenta-se no imaginário dos usuários. Para Soares (1996), esse público vive, hoje, envolvido num mundo contraditório de “desterritorialização” (p.20). Nela, predomina a multidão de coletividades dispersas em grupos recebendo as mesmas mensagens em todos os lugares, refletindo sobre problemas regionais mais ou menos de forma homogênea.

Nesse sentido, segundo Paulo Bastos Tigre (2001), a internet, estabelece-se como uma poderosa ferramenta que facilita e multiplica a comunicação em escala global entre pessoas e instituições. Para ele, os avanços das tecnologias de comunicação reduzem a dependência de estar em um lugar específico em uma hora específica. Além disso, as tecnologias da

informação assumem um papel importante na economia mundial por promoverem mudanças nas formas de produção, aumentando a produtividade e a competitividade das empresas.

Para finalizar esse capítulo, abordarei, ainda, um importante aspecto da internet como suporte informático, que se refere ao tipo de interatividade possibilitada ao usuário. Com o propósito de trazer uma discussão sobre o sentido do termo interatividade, apresento abaixo uma síntese dos estudos realizados por Alex Teixeira Primo sobre essa questão.

Ao ampliar o conceito de interatividade, Primo (1999), diz que esse conceito tem sido bastante vulgarizado, ficando cada vez mais difuso. Segundo ele, a interação é vista pelas ciências como as relações mútuas entre dois ou mais fatores, onde cada fator altera o outro, a si próprio e também à relação existente entre eles. André Lemos (*apud* Primo, 1999) afirma que o que se entende hoje por interatividade é nada mais que uma forma de interação técnica. Baseado nas transformações que ocorreram na televisão, o autor sugere a seguinte classificação para os níveis de interação tecno-sociais:

Nível 0: o estágio em que a televisão expõe imagens em preto-e-branco e dispõe de um ou dois canais.

Nível 1: a televisão ganha cores, o maior número de emissoras de controle remoto. O zapping antecede a navegação na web.

Nível 2: equipamentos periféricos são acoplados à televisão, como o videocassete, as câmeras e os jogos eletrônicos. O telespectador pode ver vídeos de jogar, podendo gravar programas e reve-los quando quiser.

Nível 3: o telespectador pode interferir no conteúdo a partir de telefones, fax ou correio eletrônico.

Nível 4: o telespectador pode participar do conteúdo em tempo real, escolhendo ângulos de câmera e diferentes o encaminhamento das informações. (p.3)

Para André Lemos (*apud*, Primo, 1999), a mídia tradicional (jornal, revista, rádio, televisão) impõe ao público uma passividade e uma pré-escolha das informações transmitidas. Segundo ele, as tecnologias digitais trazem novas formas de circulação de informações, passando do modelo de transmissão “Um-todos” para “Todos-todos”, que constitui uma forma descentralizada e universal de circulação de informações.

Segundo Primo (1999), a interatividade, então, corresponde a um tipo de relação tecno-social. Um diálogo entre homens e máquinas, em tempo real através de interfaces gráficas. Mesmo assim, essa interação fica limitada a reações da máquina frente a *inputs* validados, ou seja, limitada à reatividade.

Sobre a interação homem-máquina, Andrew Lippman (*apud*, Primo, 1999), refere que ao invés de se trabalhar com a idéia de relacionamento entre homens e máquinas, deve-se, antes considerar a relação pessoas com pessoas.

Steve Outing (*apud*, Primo, 1999), afirma que para um site ser verdadeiramente interativo ele também deve facilitar a comunicação entre os seres humanos. Como a internet é um meio claramente de dupla via, os *sites* plenamente interativos são aqueles que unem as pessoas, que facilitam a comunicação entre usuários e entre usuários e a equipe de produção do *site*.

Já para Outing (*apud*, Primo, 1999), para um site de jornalismo ser interativo ele deve oferecer as seguintes ferramentas: fóruns de discussão, *chat*, e-mail dos repórteres, fóruns ao final das matérias, espaço para páginas pessoais, espaços para os usuários publicarem nascimentos, casamentos e morte, páginas de comunidades por nichos de interesse, espaço para adicionar críticas às dos profissionais, ferramentas de pesquisas e a possibilidade dos internautas serem fonte de informações que complementem as notícias.

Com a finalidade de atender de forma interativa, ainda que limitada e programada, o clicRBS produziu um pequeno *site especial*, em que os usuários pudessem buscar um esclarecimento mais aprofundado e dirigido às suas necessidades particulares (Figura 14).

clicRBS

Gaste menos com a luz

- Dicas Gerais
- Calcule quanto você pode economizar
- Aparelhos:
 - 1) Aquecedor de água
 - 2) Chuveiro
 - 3) Ar-condicionado
 - 4) Ferro de passar
 - 5) Geladeira
 - 6) Iluminação
 - 7) Lavadora
 - 8) Secadora
 - 9) Televisor
 - 10) Outros
- Instalação Elétrica
- Plano de Racionamento
- Tire suas dúvidas
 - 1) Faça sua pergunta
 - 2) Dê a sua opinião
 - 3) Veja as respostas
 - 4) Veja as opiniões

Fontes: Eletrobrás, Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), ABS Sul, Rio Grande Energia (RGE).

Simulação de Consumo

Selecione a sua distribuidora:

Tarifas

Valor do seu consumo mensal: R\$

*Digite os centavos. Ex.: 15.00

Veja quanto você pode economizar por mês se diminuir o tempo de uso de alguns eletrodomésticos por dia*:

Se diminuir por dia:	<input type="text"/>	min	Aquecedor de água
	<input type="text"/>	min	Chuveiro
	<input type="text"/>	min	Ar-condicionado
	<input type="text"/>	min	Ferro de passar
	<input type="text"/>	min	Lavadora de roupas
	<input type="text"/>	min	Secadora de roupas
	<input type="text"/>	min	Televisor

Calcular

Economia mensal de: R\$

Figura 14: Reprodução de site criado para esclarecer dúvidas de usuários sobre o racionamento de energia elétrica.

Conforme Primo (1999), existe uma relação de interdependência na interação, onde cada agente depende do outro, isto é, cada qual influencia o outro. Essa interdependência varia em grau, qualidade e de contexto para contexto. Por isso, interação não se limita, apenas, à ação e à reação. Segundo o autor, a escola do Interacionismo Simbólico considera a linguagem como um mecanismo básico que culmina na mente e no eu do indivíduo. A mente, o eu e a sociedade são processos de interação pessoal e interpessoal e os comportamentos são construídos pela pessoa durante o curso da ação.

Os estudos pragmáticos, segundo Primo (1999), investigam a relação entre os interagentes e a entendem como mediada pela comunicação. Nesses estudos, cada comportamento individual é visto com sendo afetado pelo comportamento dos outros. A interação é entendida como uma série complexa de mensagens trocadas entre as pessoas e entre essas e o meio. A comunicação vai além das trocas verbais: todo o comportamento é comunicação, inclusive o silêncio.

Por mais que se defenda que o usuário possa clicar e a navegar por onde e quando quiser, para Primo (1999), na maioria dos ambientes informáticos, o interagente só pode agir dentro dos rígidos limites permitidos pela programação. Se de um lado, os paradigmas mecanicistas e lineares fundamentam interfaces de interação reativas e restritivas, perspectivas como a Construtivista e da Pragmática da Comunicação valorizam a construção entre os interagentes. Ou seja, a interatividade não é previsível e os conteúdos emergem durante a relação. O autor classifica o primeiro modelo como de interação reativa, enquanto o segundo é classificado como de interação mútua.

Para Primo (1999), nos relacionamentos, a comunicação não se dá exclusivamente através de um canal. Segundo ele, existe, inclusive, uma multi-interação, onde ocorrem várias interações simultâneas. Por exemplo, o uma interação com outra pessoa pode dar através da fala, de gestos, olfato, etc. Além disso, segundo ele, em ambientes informáticos ocorrem interações reativas e mútuas, simultaneamente, entre cada pessoa, o seu contexto e intrapessoalmente.

Raymond Williams (*apud*, Primo 1999), considera que um sistema interativo deveria dar total autonomia ao espectador, enquanto os sistemas reativos trabalhariam com uma gama pré-determinada de escolhas. Para Williams, a verdadeira interatividade deveria abarcar a possibilidade de resposta autônoma, criativa e não prevista. Nesse sentido, Primo (1999), propõe que uma relação reativa não seria interativa, uma vez que a primeira se caracteriza por uma forte roteirização de programação que leva a caminhos programados pré-determinados e de pouca liberdade criativa.

Entretanto, do ponto de vista de Fischer (*apud*, Primo 1999), não se pode admitir que os sistemas reativos tornem-se o exemplo fundamental de interação, mas sim um tipo fraco de interação. Ao caracterizar os dois tipos de interação, a mútua e a reativa, Primo (1999), apresenta os seguintes aspectos:

Sistema: conjunto de objetos que se inter-relacionam entre si;
Processo: acontecimentos que apresentam mudanças no tempo;
Operação: produção de um trabalho ou a relação entre a ação e a transformação;
Fluxo: Curso ou seqüência da relação;
Throughput: ritmo de transferência que se passa entre a decodificação e a codificação, *inputs* e *outputs*;
Relação: o encontro, a conexão, as trocas entre elementos ou sub-sistemas;
Interface: superfície de contato, interpretação e tradução.

Uma característica da internet como suporte possibilitada pelos avanços tecnológicos de digitalização e de transmissão vem a ser a oferta de conteúdos multimídia. A fonte desses conteúdos deriva dos meios de comunicação anteriormente tratados neste texto. No entanto, esses suportes – som, imagem fixa e em movimento, texto escrito –, ao serem inseridos nesse suporte multimídia, transformam-se, configurando uma nova mídia. Uma discussão a respeito das transformações que ocorrem nas mídias, ao ingressarem na internet, é o que pretendo analisar a seguir no **próximo capítulo**.

4 ClicRBS: um espaço na internet

4.1 A internet no Brasil

A rede mundial de computadores, conhecida como internet, foi criada na década de 60 sob o nome de Arpanet⁸, sua função primária era servir às bases militares dos Estados Unidos da América com informações e permitir a troca dessas entre as bases, de forma que todas estivessem interconectadas, possibilitando a circulação de informações sem interrupção ou impedimento de acesso aos dados logísticos. O fim da Guerra Fria e a conseqüente minimização do uso dos equipamentos levaram as universidades americanas, e depois as empresas, a expandirem a estrutura da rede ampliando o acesso à população das informações contidas em servidores de informação.

No Brasil, na década de 90, foi formada a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), primeira extensão dessa rede em território nacional, cuja função era a de compartilhar informações entre as universidades conectadas. Somente em 1995, a internet brasileira teve por finalidade permitir, aos usuários em geral, o acesso às informações através de provedores comerciais, o que a tornou viável comercialmente, promoveu e ampliou o contato entre as pessoas geograficamente distantes. Hoje, a internet é, além de uma rede de computadores, uma rede de diversos dispositivos interligados através de diversas formas de conexão e comunicação entre si, com as mais diversas utilidades e futilidades.

Porém, devido, em parte, às desigualdades econômicas, sociais e educacionais existentes no Brasil, como já referi no capítulo anterior, pouco mais de 6% do total da população usufrui dessa tecnologia e das possibilidades que ela pode oportunizar.

⁸ Nome derivado do grupo de desenvolvimento ARPA (Advanced Research Projects Agency).

Para caracterizar os usuários brasileiros da internet, apresento dados extraídos do Censo de 2000, realizado pelo IBGE⁹, que mostra que o país possui 169.590.693 brasileiros. Uma pesquisa realizada pelo IBOPE eRatings.com¹⁰ revela que há no Brasil cerca de 11,3 milhões de usuários na internet. Ou seja, cerca de 6,6% dos brasileiros tem acesso à rede num crescimento mensal entre 6% e 8%¹¹. Se verificarmos o número de internautas ativos – que efetivamente usaram a rede no último mês – esse número cai para 5,3 milhões de pessoas. Ainda segundo a mesma pesquisa, esse universo é formado por cerca de 60% de usuários homens e 40% mulheres.

Uma pesquisa de maio sobre audiência na internet, realizada pelo mesmo grupo, revela a faixa etária e o grau de instrução dos internautas brasileiros. Este universo é formado por um público em que 56% são adultos (acima dos 25 anos), com forte concentração de pessoas graduadas e pós-graduadas, cerca de 48% e com formação universitária, em torno de 33%. A amostragem de fevereiro mostra que a participação maior foi de jovens, entre 12 e 17 anos, e de adultos, entre 35 e 49 anos.

Para explicitar os interesses e o poder de compra dos usuários da internet, apresento dados do IBOPE Survey¹² que revelam as intenções de compras dos internautas brasileiros. Um estudo realizado entre os dias 4 e 12 de junho de 2001, mostra que cerca de 54% dos internautas manifestaram a intenção de comprar o presente do Dia dos Namorados pela internet. Desses, aproximadamente 24% realmente compraram.

⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (<http://www1.ibge.gov.br/ibge/estatistica/populacao/censo2000/> - 07/08/2001).

¹⁰ Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística: IBOPE eRatings.com: medição da audiência e publicidade na internet (<http://www.ibope.com.br/eratings/index.htm> - 07/08/2001).

¹¹ Em maio de 2001, o Brasil alcançou 11,1 milhões de usuários, contra 10,4 milhões de abril, um aumento de 6,78%. No mês de junho de 2001, o Brasil alcançou 11,3 milhões de usuários, contra 11,1 milhões de maio (<http://www.ibope.com.br/eratings/index.htm>).

¹² IBOPE eSurvey: pesquisas customizadas com internautas e sobre a internet (http://www.ibope.com.br/digital/pd_wef00.htm - 07/08/2001).

4.2 Conceituando o jornalismo online

O termo jornalismo on-line (*sic*), segundo Ana Prado (ANO), vem sendo usado para designar o jornalismo pelo suporte da internet. Esse termo, segundo a autora, é empregado de forma metafórica, uma vez que a noção de jornal sempre esteve associada ao papel, o seu suporte material. A autora afirma que essa metáfora é útil, principalmente, para o usuário, que vai lidar com um produto que, de alguma forma, já lhe é familiar.

O jornalismo online, segundo Luciana Mielniczuk (ANO), é um fenômeno em expansão, que começa a se tornar conhecido juntamente com o crescimento da internet. O surgimento da Web – parte hipertextual da rede –, no final dos anos 80, foi responsável pelo significativo aumento no número de usuários, pois facilitou a utilização da rede para pessoas sem conhecimentos de informática.

Mielniczuk (ANO) afirma que a palavra “online” remete à idéia de conexão em rede de um sistema, ou de máquinas, que permite o fluxo de informações com atualização constante. Segundo a autora, num primeiro momento do jornalismo online, que no Brasil ocorreu a partir de 1995, os produtos oferecidos, em sua maioria, eram transposições de grandes jornais impressos, que passavam a ocupar o espaço na internet.

Com o desenvolvimento tecnológico da estrutura da internet no país, pode-se identificar, segundo Mielniczuk (ANO), uma segunda fase do jornalismo online. Nessa fase, o jornalismo online ainda encontra-se vinculado ao modelo de jornal impresso, porém, passam a ocorrer as primeiras experiências envolvendo as características de conectividade e multimídia oferecidas pela rede. Segundo ela, essa fase corresponde ao período entre o final do ano de 1997 e o início do ano de 1998.

Na segunda metade de 1999, conforme Mielniczuk (ANO), este cenário começa a modificar-se em função do surgimento dos portais¹³.

¹³ Portal: um grande site, com mais de 500 páginas, que oferece um leque muito grande de produtos e serviços. Um portal conta com um número também muito grande de visitantes: pelo menos uns 1000 ao dia. (<http://www.uol.com.br/webworld/marketing/webmarketing/alvaro006.htm>)

4.3 A Rede Brasil Sul (RBS)

A Rede Brasil Sul (RBS) foi fundada em 1957 com a aquisição da Rádio Gaúcha, pelo jornalista e empresário Maurício Sirotsky Sobrinho, em sociedade com Arnaldo Ballvé, proprietário das Emissoras Reunidas.

A RBS é uma empresa multimídia que atua na Região Sul, abrangendo os Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul onde vivem 24.678.037 pessoas¹⁴, das quais 20.275.306 são alfabetizadas. O Grupo RBS atua na região de melhor qualidade de vida e maior poder aquisitivo do Brasil. Segundo pesquisa realizada pela Simonsen Associados/EXAME¹⁵, as capitais dos estados da Região Sul, Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis, foram consideradas as melhores cidades brasileiras para negócios. Essa posição foi conquistada pelos excelentes índices alcançados pelo Rio Grande do Sul, por Santa Catarina e pelo Paraná em população e crescimento, distribuição de renda e classes sociais, potencial de consumo, educação e escolaridade, agropecuária, acesso a mercados e segurança.

Em 1998, uma avaliação feita pela Organização das Nações Unidas (ONU) já havia mostrado que o Estado do Rio Grande do Sul detinha o melhor índice de desenvolvimento humano do Brasil. Na mesma pesquisa, Santa Catarina e Paraná apresentaram índices de qualidade de vida comparáveis a países como Grécia, Portugal, Coreia do Sul, Argentina, Polônia e Hungria.

Um dos principais objetivos da empresa¹⁶ RBS, atualmente, refere-se à interatividade, a fim de que seus veículos de comunicação não apenas transmitam uma mensagem, de forma unilateral, mas que eles, também, sejam receptores das mensagens enviadas pelos seus leitores, ouvintes, telespectadores e internautas.

O grupo empresarial, encontra-se num momento de renovação estratégica, preparando-se para os desafios desta época digital através de vários projetos interativos e segmentados. Para tanto, criou outros canais de comunicação, como a RBS Interativa e o jornal Diário Gaúcho.

¹⁴ Fonte: Balanço Social da RBS 2001: <http://www.clicrbs.com.br/balancosocial/>

¹⁵ EXAME : Revista que aborda assuntos de economia / Ano 34/Nº 9 - Editora Abril

¹⁶ Fonte: Site institucional da RBS: <http://rbs.clicrbs.com.br/>

Atualmente, a RBS Mídias é composta por cinco jornais, 21 estações de televisão, 20 de rádio e o ClicRBS (internet). A seguir, caracterizo sucintamente, cada uma dessas mídias.

4.3.1 A Rádio Gaúcha

A história da RBS começou em 1957, quando o seu fundador, Maurício Sirotsky Sobrinho, e Frederico Arnaldo Ballvé convenceram Arnaldo Ballvé a completar a sua rede de emissoras de rádio, no interior do Rio Grande do Sul, com uma estação-chave na capital do Estado, Porto Alegre. Foi criada, assim, a emissora, denominada Rádio Gaúcha que seria a origem da RBS.

A Rádio Gaúcha, hoje, tem uma programação que mescla radiojornalismo e futebol. Ela atinge seis Estados da Região Centro Sul do Brasil e possui como ouvintes um público com faixa etária acima de 25 anos. A Rádio Gaúcha lidera a programação esportiva em Porto Alegre há 16 anos, com audiência superior à soma das demais emissoras que transmitem futebol, com 59% de audiência, contra 41%¹⁷ das outras.

O alcance nacional e internacional da programação da Rádio Gaúcha é garantido por duas estações de ondas curtas, operando em 25 e 49 metros e o RealAudioNOTA na internet. Além disso, cento e dez (110) emissoras no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia retransmitem a programação da Rádio Gaúcha através de satélite e do canal 300 da *Sky*¹⁸.

4.3.2 A RBS TV

Em 1962, Maurício Sirotsky Sobrinho, Frederico Arnaldo Ballvé e Nestor Rizzo fundaram a TV Gaúcha (atual RBS TV), que, inicialmente, apresentava um caráter regional. Para que o público recebesse informações do país e do mundo, em 1967, a TV Gaúcha foi

¹⁷ Fonte: Ibope - Média Anual Maio /2000 a Maio/2001

¹⁸ Sky: Marca de distribuição de sinais de TV por assinatura via satélite com recepção via parabólica. (Gastal, 1995)

associada à Rede Globo, que havia sido inaugurada em 1965 no Rio de Janeiro. Dessa maneira, os gaúchos passaram a ter acesso à programação de nível nacional, simultaneamente aos programas locais. Isso instaurou uma comunicação com duas mãos, em que o Rio Grande do Sul recebia as notícias do Brasil e do mundo e, simultaneamente, enviava informações sobre o Estado para o restante do país.

A partir de 1969 começou a ser formada a Rede Regional de Televisão, que conta com emissoras em Caxias, Santa Maria, Pelotas, Erechim, Uruguaiana, Rio Grande, Bagé, Cruz Alta, Passo Fundo, Santa Cruz do Sul e Santa Rosa. Em 1979, a Rede de Televisões chegou a Santa Catarina, onde existem emissoras do grupo nas cidades de Florianópolis, Blumenau, Joinville, Chapecó e Criciúma.

A RBS TV, hoje, é composta por uma rede de 17 emissoras de televisão distribuídas nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Ela exhibe uma programação que mescla conteúdos produzidos pela Rede Globo com programas próprios desenvolvidos localmente.

4.3.3 O jornal Zero Hora

O jornal Zero Hora (ZH) foi fundado em 1964. Em 1970, o grupo RBS assumiu o seu controle acionário, permitindo que o jornal ZH atuasse em todas as mídias. Para que o jornal fosse transformado em um veículo dinâmico, adequado às exigências do leitor, foram reformuladas a sua linha editorial e gestão administrativa.

O jornal ZH, hoje, abrange, no Estado do Rio Grande do Sul, um número de leitores correspondente a 1.669.000¹⁹, que representa 53% dos leitores do Estado, com perfil das classes A, B e C. Esse jornal apresenta, em média, 160 páginas ao dia, em que oferece 17 cadernos com temas segmentados, classificados e colunas assinadas. Fora do eixo Rio-São Paulo, o jornal ZH tornou-se o maior jornal. Dados do Instituto de Verificação de Circulação (IVC) revelam que, em setembro de 2000, a Circulação de ZH era de uma média diária de 182.258 exemplares.

¹⁹ Fonte: IBOPE

4.3.4 A TVCOM

Em 1995, entrou no ar o canal 36 UHF, a TV Comunidade (TVCOM), com produção local e programação dirigida à capital gaúcha.

A TVCOM foi a primeira emissora 100% local no Brasil, apresentando programação ao vivo durante oito horas por dia. Ela dá cobertura aos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, cuja cobertura UHF atinge 2.100.000 telespectadores (Grande Porto Alegre) e a cobertura a cabo atinge 67.101 assinantes, em Santa Catarina, e 200.177 assinantes, no Rio Grande do Sul. A TVCOM atinge telespectadores das classes A e B (54%) e com mais de 25 anos (56%).

A TVCOM segue a tendência mundial dos veículos de comunicação do futuro, com cobertura precisa e eficiente para um público específico²⁰. A identidade da TVCOM foi desenvolvida a partir de três cores relacionadas à sua programação: azul para notícias, amarelo para variedades e verde para esportes. Para facilitar mudanças no cenário, a cada programa, o estúdio conta com diversos painéis e tapadeiras móveis que o tornam multifuncional.

Além disso, a fim de que a TVCOM seja personalizada e diferenciada, diariamente, cada programa recebe um ícone que o caracteriza e a equipe passa pela Central de Figurinos.

Ao operar, também, no sistema a cabo das 8h às 17h, a TVCOM apresenta aquelas informações vistas como as mais importantes da programação da TVCOM e da RBS TV, em horários distintos para proporcionar ao telespectador um amplo leque de opções, por 24 horas seguidas. Ainda no cabo, das 00h30min às 8h, é exibido o Jornal Eletrônico.

A TVCOM configura-se como a primeira experiência na integração de mídias no Brasil, ao reunir a produção jornalística da TVCOM, da RBS TV, do Jornal Zero Hora e da Rádio Gaúcha.

²⁰ A TVCOM é transmitida pelo canal 36 UHF para Porto Alegre e Grande Porto Alegre e através da NET (cabo e MMDS) para Porto Alegre, Novo Hamburgo, Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul

4.4.5 O RBS Online

O RBS Online é a mídia através da qual a RBS vem buscando investir no alto grau de interatividade e de personalização potencializados pela internet. O RBS Online caracteriza-se por integrar os diferenciais competitivos de cada mídia do grupo RBS, destacando as marcas líderes, o conteúdo regional, a forte relação com clientes e comunidades e a distribuição de produtos multimídia individualizados. O desafio é ultrapassar os limites da comunicação, integrando ofertas de produtos com as preferências individuais.

4.4.6 O clicRBS

O clicRBS entrou em funcionamento na internet em 3 de julho de 2000 com enfoque regional. Posteriormente, foi criada uma versão no Estado de Santa Catarina. A estrutura do clicRBS iniciou ancorada, basicamente, em três seções: o clicNotícias, que veicula as notícias do grupo, o clicEsportes, que informa sobre fatos ligados aos esportes locais e o clicLance, produto de leilão da área de comércio eletrônico.

Hoje, o clicRBS, também, possui um guia de entretenimento, chamado clicNessa, dentre outros produtos. Os dados do clicNotícias e do clicEsportes são atualizados na redação do RBS Online, segmento da RBS responsável pelas operações na rede. O *site* clicRBS utiliza-se da multimídia, hipertextualidade e de ferramentas que permitam a interação com o seu público. Para isso, existem as seções clicStation, canal desenvolvido para apresentação de áudio e vídeo, e as ferramentas de chat (clicPapó), fórum e enquete. O clicRBS possui, ainda, uma parte do *site* denominada Canais RBS, onde estão hospedadas as páginas das rádios e dos jornais da Empresa.

Em pesquisa²¹ veiculada pela revista *Info Exame* na edição de março de 2001, o clicRBS, com apenas oito meses na internet, encontra-se na segunda posição do ranking dos sites de

²¹ A pesquisa O ranking As 150 maiores da internet é montada com base em relatórios do Ibope e Ratings, IVC e Media Metrix, e leva em conta a audiência em número de usuários únicos e page views.

notícias mais acessados do Brasil, com 125,2 mil visitantes únicos²² e 2,2 milhões de page views²³ por mês.

Com conteúdo voltado para notícias, esportes, comércio eletrônico, relacionamento, serviços e entretenimento, o clicRBS desenvolve seu conteúdo a partir dos interesses da comunidade gaúcha e catarinense, além de ser a entrada para os sites dos veículos do Grupo RBS.

Informações geradas por uma equipe de mais de 500 jornalistas²⁴ são integradas em um único veículo, com uma cobertura multimídia inédita, em duas versões distintas e totalmente adequadas para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Com o seu exclusivo conteúdo regional, o clicRBS diferencia-se dos outros portais, pois trata as informações da região de forma mais aprofundada, garantindo maior aproximação com essas comunidades e oferecendo ao anunciante um espaço para uma comunicação direcionada a esse público.

O clicRBS está em constante desenvolvimento e criação de novos produtos. Além da veiculação de mídia (banners e pop-ups), o portal apresenta oportunidades comerciais de patrocínios para datas especiais, eventos e coberturas específicas da RBS. Ações que envolvem a comunidade da região, reforçando a imagem do anunciante e segmentando a comunicação para públicos específicos, tais como Expointer 2000, Olimpíadas e Feira do Livro.

4.4.7 O clicNotícias

Na edição de 5 de julho de 2000 do caderno de Informática do jornal Zero Hora, o então editor-chefe do clicRBS, Eduardo Tessler, escreveu:

²² Unique user, ou usuário único, é caracterizado como browser único, que é identificado por um cookie, que acessa um site da Web. Normalmente são contabilizados os browsers por que não é possível determinar a pessoa que está usando o browser no dado momento.

²³ Pageview: Solicitação de uma página de internet requisitada por um usuário através de um clique ou um endereçamento na rede. Também conhecido por "page requested".

²⁴ Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/publicidade/>

A primeira decisão foi definir o foco no Estado. Vale mais a informação de que o trânsito mudou na rótula da Carlos Gomes com Protásio Alves do que saber que o ator Richard Gere pede mais liberdade no Tibete. É mais importante para o gaúcho a corrida às eleições municipais do que a definição do novo presidente do México (p.5).

Essa declaração resume de que forma o clicRBS, e por consequência o clicNotícias, tratam a informação que é dirigida ao cliente, que, nesse caso, é o internauta. A prioridade da notícia é delimitada pela geografia e proximidade dos fatos com o público-alvo. O clicRBS nasceu visando ser um portal vertical²⁵ ancorado no regionalismo, no caso, o Estado do Rio Grande do Sul.

Da mesma forma que a informação das TVs, rádios e jornais da RBS levam ao conhecimento do povo gaúcho as notícias que ocorrem no Estado, ou ainda, que ocorrem em demais partes do mundo, mas que também interessam a esses consumidores, o clicNotícias preenche esse espaço na internet. Para isso, utiliza-se das informações das mídias tradicionais e adequa a forma das informações para esse meio de comunicação.

O clicNotícias, que analisaremos neste trabalho, é a parte do site clicRBS que informa aos internautas com notícias veiculadas pelas mídias do grupo RBS (rádios, TV's e jornais) e das agências RBS, Brasil e *Associated Press*. O clicNotícias utiliza-se dos formatos texto, foto, áudio e vídeo digital para veicular as informações utilizando como suporte a internet.

²⁵ O portal vertical é o que se especializa em um tópico específico, enquanto o portal vertical informa sobre tudo um pouco. (<http://www.uol.com.br/webworld/marketing/webmarketing/alvaro006.htm>)

5 Transposição dos textos na internet

5.1 O texto

As notícias em formato de texto, utilizadas pelo clicNotícias, vêm de matérias compradas pela Agência RBS, de outras agências de notícias (Agência Brasil e *Associated Press*), da reportagem do Jornal Zero Hora e da reportagem da Rádio Gaúcha, sendo essas mídias, também alimentadas pela Agência RBS. A área de *Information Technology* (TI) da RBS desenvolveu para o clicRBS um *software* editorial denominado “sistema de notícias”. Esse, funciona como um mecanismo de acesso aos bancos de dados das mídias, em que cada mídia o alimenta através de seu sistema editorial próprio, compartilhando assim, seus bancos de dados.

O sistema de notícias possui uma hierarquização por mídias (fontes) e, subsequentemente, por editorias. É nessas editorias que a redação do clicNotícias encontra a base textual para a formatação das notícias veiculadas na rede. Apesar da TVCOM e da RBSTV receberem informações de agências e de produzirem material textual, o seu sistema editorial não é compatível com o banco de dados utilizado pelas outras mídias e, por isso, não chega à redação do clicNotícias. As informações são armazenadas no sistema de notícias do clicNotícias por 48 horas, através de uma rotina automática que exclui os últimos arquivos armazenados nesse prazo.

Essas informações são, então, copiadas do sistema editorial para um editor de texto e, assim que redigidas pela redação do clicRBS, incluídas no banco de dados do *site*, ficando disponível aos leitores.

Além destas informações, a redação do clicNotícias utiliza textos extraídos de agências de notícias de órgãos governamentais, de *sites* de empresas, que permitem o uso de seus textos disponíveis na internet, além de *releases* enviados por fax ou e-mail disponíveis para a redação. Os textos da *Associated Press* são extraídos do site da agência através de um serviço

pago pelo clicRBS. A redação do clicRBS também utiliza-se de um outro banco de dados do Jornal Zero Hora, que dispõe de informações publicadas pelo jornal desde 1988, quando foi implementado (Figura 14).

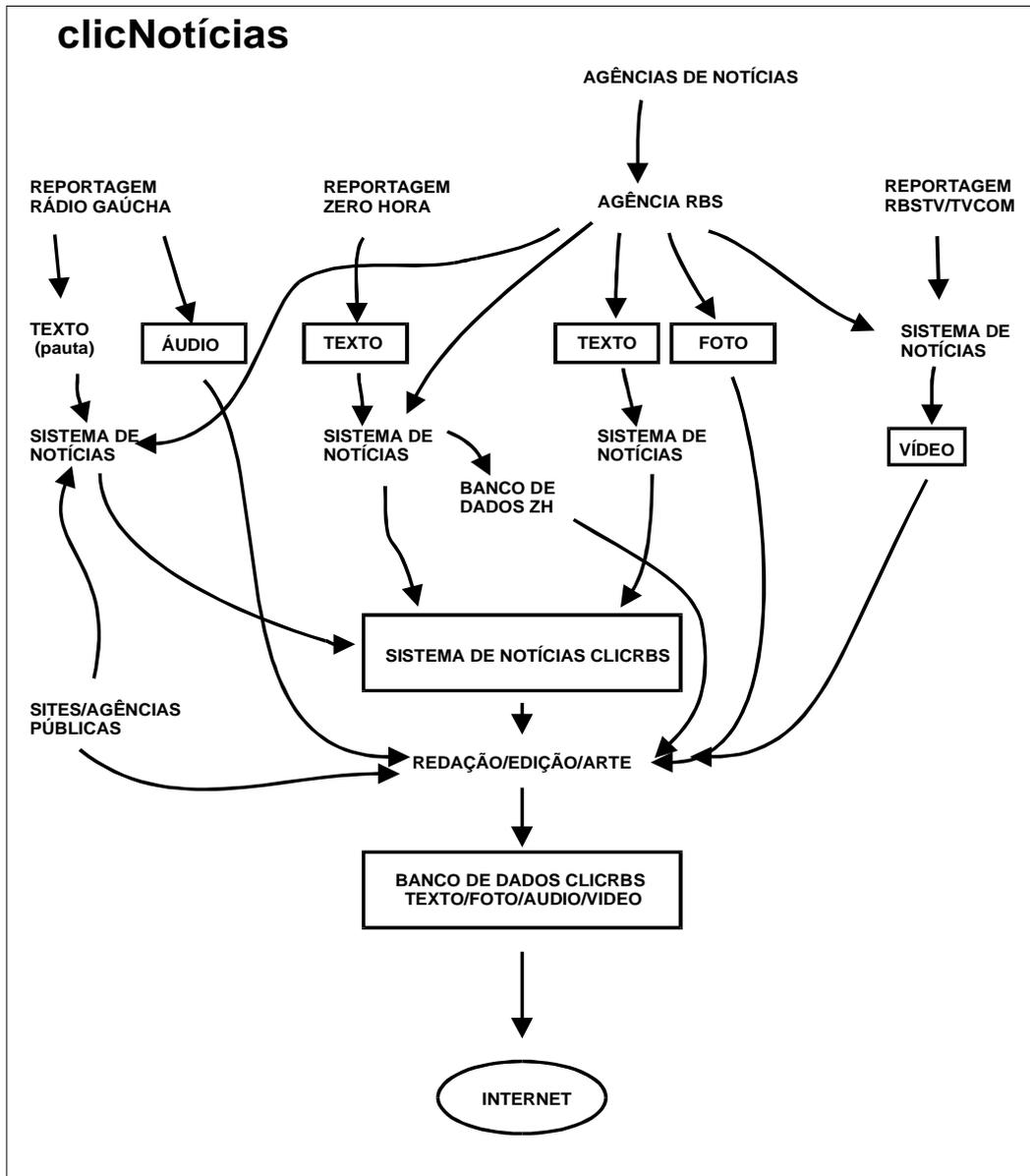


Figura 14: Diagrama que representa o fluxo de informações das redações para o clicRBS

A redação do clicNotícias pode acessar tanto informações atuais do jornal Zero Hora, para construção das notícias, quanto de datas anteriores à ocorrência do fato, para complementar a informação e, posteriormente, inseri-la na forma de “Ponto a Ponto”, ou em menus popups²⁶. Esses, funcionam de forma semelhante ao que se chama de retranca no jornal impresso, isto é, o espaço onde se recuperam ou aprofundam informações para complemento do texto da notícia principal.

Além de funcionar como fonte de pesquisa, o texto do jornal impresso também traz para o texto de internet as normas de redação. Contudo, pela extensão do texto do jornal impresso, do mesmo, serão extraídas as informações mais relevantes, que serão utilizadas para a redação das notícias na internet.

Como tratado no capítulo anterior, o texto de jornal está organizado no espaço (Paul H. Weaver, 1993), mas, apesar de limitado em volume, pode publicar um número muito maior de notícias e de textos que os leitores pretendem ler. O suporte impresso é flexível à quantidade de informações que a editoria considerar necessária. Porém, o suporte da internet, o tipo de usuários, a relação com os dispositivos informáticos, dentre outros aspectos referidos no capítulo anterior, exigem que as informações disponibilizadas nesse suporte sejam resumidas e fragmentadas. O texto, na internet, deve ser oferecido de forma concisa e objetiva aos leitores.

Para mostrar o processo de redução recebido pela informação ao ser transposta do jornal impresso para a internet, apresento, abaixo, um exemplo. Nesse caso, foi utilizado um “balaio” – texto curto – de Zero Hora para informar sobre o método utilizado pelo governo brasileiro para administrar o racionamento de energia elétrica no Brasil (Figura 15).

²⁶ *Popup* é uma pequena janela aberta por um link com conteúdo alternativo ao principal. O clicRBS utilizava esse recurso para apresentação de *sites* especiais, ou para aprofundamento de informações das notícias.



Figura 15: Nota curta da página 17, de Zero Hora, de 14 de maio de 2001

Essa notícia, ainda que apresentada em forma de um texto curto, para ser transposto para a internet, dele foi excluído o último parágrafo. Nele, eram abordados aspectos sobre a pessoa de Francisco Falconi, que fora chamado para apresentar o método de gerenciamento de energia no Brasil. Além disso, a “origem” – local de onde veio a informação – também foi excluída. Outro aspecto modificado no texto da internet foi o título da matéria. Numa tentativa, talvez de caracteriza-la como própria do clicNotícias, o redator, mudou o sentido e a importância dos agentes no discurso, no caso, o governo brasileiro e o método japonês. Ao fazer isso, o redator mudou os sujeitos passivo e ativo, que compõem a informação. No primeiro caso, no jornal impresso, “Governo testará método japonês no racionamento”, o sujeito ativo é o governo e o passivo, o método japonês. No caso dessa notícia na internet, ao escrever “Método japonês de racionamento orientará o governo”, o governo passa a ser o sujeito passivo e, o método japonês, o sujeito ativo. Os sujeitos ativo e passivo, segundo Erbolato (1991), são elementos que constituem o sentido da notícia.

Apesar de já haver outras notas, no clicNotícias, sobre o mesmo assunto, não foram inseridos links para os mesmos sob o texto principal. O lead, que na matéria de Zero Hora aparece em negrito, foi utilizado na internet como o primeiro parágrafo, mas sem o destaque do impresso (Figura 16).

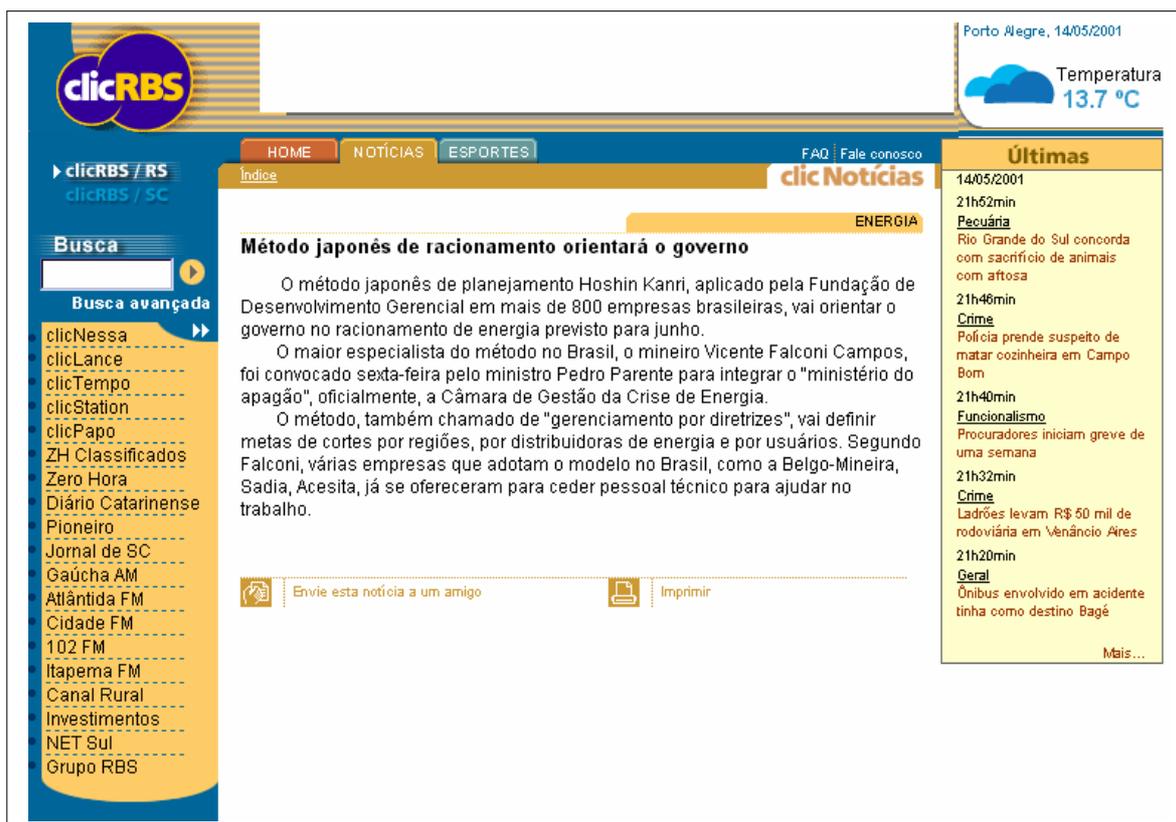


Figura 16: Notícia publicada no clicNotícias, às 8h03min, de 14 de maio de 2001

Assim sendo, essa notícia, ao ser inserida no suporte da internet, ou seja, do texto impresso para a tela, teve o texto reduzido, a fonte modificada, o título alterado, o lide deixou de ser destacado em negrito.

5.2 A foto

As fotografias chegam à redação do clicNotícias através de três canais: agência Associated Press, Centro de Tratamento de Imagem (CTI) do jornal Zero Hora, pelo Banco de

Dados deste jornal e pela Agência RBS. As fotos da Associated Press vêm através de um site com acesso restrito ao Banco de Dados dessa agência. As fotos são selecionadas diretamente pelos redatores e editores do clicNotícias que, posteriormente, solicitam ao departamento de Arte da redação, para que seja feito o tratamento e adequação ao formato dessas imagens para serem veiculadas na internet. O critério de seleção das fotos da *Associated Press* é feito diretamente pela redação do clicNotícias, diferentemente, das fotos que vêm pelos outros canais da Zero Hora, ou pela Agência RBS. As fotos que chegam pela CTI ou pelo Banco de Dados de ZH, são selecionadas para uso do jornal, e chegam ao clicNotícias já tendo passado por um processo de pré-seleção editorial pelo jornal Zero Hora.

Na cobertura jornalística das reuniões sobre o racionamento de energia elétrica no Brasil, objeto de estudo desse trabalho, nem a mídia impressa, nem a internet, utilizou o recurso oferecido pela imagem estática para fins de ilustração.

5.3 O áudio

O áudio utilizado pelo clicNotícias provém, em sua maioria, da Rádio Gaúcha. O sinal de áudio é levado por um canal exclusivo, com saída da Central Técnica da rádio por linha telefônica até uma mesa distribuidora. Essa, multiplica esse canal para as ilhas de edição digital na redação do clicRBS. Esse áudio, que chega em formato analógico às ilhas de edição é então, digitalizado, editado e salvo num arquivo de formato RealAudio²⁷. Depois, esse arquivo é inserido no banco de dados do clicRBS pelos operadores das ilhas de edição, conforme necessidade da redação do clicNotícias. A mesa também é alimentada por um *tuner*, que pode sintonizar as outras rádios da RBS como a Atlântida, a Cidade, a 102FM, a Farroupilha e a Rádio Rural. O clicNotícias utiliza-se das entrevistas realizadas pela reportagem da Rádio Gaúcha tanto para escrever notícias quanto para ilustrar as matérias

²⁷ RealAudio é o formato de arquivo de áudio digital que a RealNetworks lançou em 1996. Trata-se de um formato de arquivo comprimido especial para transmissões via internet.

veiculadas na internet, com a finalidade de aprofundar a informação ao usuário e dar credibilidade ao texto.

Embora a utilização do som consuma largura de banda, sem dúvida ela acrescenta credibilidade e objetividade à notícia. Canavilhas (2001) afirma que “o jornalismo na internet vai buscar algumas das características ao jornal impresso, no caso do som, é a rádio a fornecer algumas das suas especificidades” (p.2). Segundo o autor, a palavra, o ruído e o silêncio combinados permitem criar ambientes e imagens sonoras. Canavilhas (2001) diz que “o jornal jamais poderia causar um efeito semelhante sobre os leitores e a televisão só com recurso a meios de produção caros poderia obter igual resultado” (p.2).

O autor Dominique Mangueneau (2001) considera que a distinção entre os textos oral e gráfico não é simples, uma vez que esses textos são “oposições situadas em planos distintos” (p.73). Para o autor, associamos a oralidade à instabilidade e a escrita à estabilidade, relativo às suas formas de preservação. Os artifícios da oralidade na busca dessa estabilidade encontram-se, por exemplo, nas versificações poéticas e rimas dos *slogans* comerciais. Para Mangueneau (2001), “ao oferecer a possibilidade de gravar só a voz, ou a voz com a mímica e os gestos do locutor, o mundo contemporâneo tornou o oral tão estável quanto o escrito: atualmente, ao gravarmos, estamos, de certa forma, *escrevendo*” (p.75).

Além disso, Canavilhas (2001) refere que “o jornalismo radiofônico só ganha características próprias quando os enunciados assumem um sentido intertextual e polifônico: a notícia tem a voz do jornalista, mas também a de eventuais intervenientes no conteúdo da notícia que, desta forma, confirmam o texto” (p.2). Umberto Eco (*apud*, Canavilhas, 2001) defende que o texto é “uma sucessão de formas significantes que esperam ser preenchidas (...)” (p.2).

Para Canavilhas (2001) esses “‘outros textos’ são o chamado RM (registro magnético) ou RD (registro digital), que ‘interpretam’ a palavra dita pelo jornalista” (p.2). São esses interpretantes, então, que no jornalismo na internet, através do texto oferecido pelo radiojornalismo, aparecem na forma de som. Além da possibilidade de citar-se em forma de texto o que foi dito, o jornalismo na internet pode oferecer o som original do citado, oferecendo um conteúdo mais objetivo e confiável.

Essa integração de elementos multimídia nas notícias, na internet, também, potencializa a capacidade de uma leitura não-linear aos usuários. Segundo Canavilhas (2001), “a

disponibilização de um complemento informativo permite ao indivíduo recorrer a ele sem que isso provoque alterações no esquema mental de percepção da notícia. Esta estrutura narrativa exige uma maior concentração do utilizador na notícia, mas esse é precisamente o objetivo do webjornalismo: um jornalismo participado por via da interação entre emissor e receptor.” (p.2)

Abaixo, apresento a transcrição de parte do programa *Atualidade*, da Rádio Gaúcha, em que o apresentador, Armindo Antônio Ranzolin, transmite uma entrevista da secretária de Energia do Estado, Dilma Rousseff. A entrevista foi concedida na noite do dia anterior, no programa *Faixa Especial*, ao jornalista André Machado.

Ranzolin - Bom, agora a questão da energia. Com tanta desinformação nós (jornalistas) precisamos buscar informação. Ontem, a secretária de Energia do Rio Grande do Sul, Dilma Roussef, que está em Fortaleza, deu uma entrevista muito esclarecedora para o André Machado, no Faixa Especial, ontem à noite. Nós editamos esta matéria para que vocês ouçam e procurem entender porque, segundo ela, não haverá racionamento na Região Sul do país, incluindo, evidentemente, o Rio Grande do Sul. Ouçam.

André Machado – Secretária, essa reunião que ocorre em Fortaleza entre os secretários de energia... Qual é o caráter que tem essa reunião e que posição o Rio Grande do Sul vai apresentar nessa reunião sobre o racionamento da energia?

Dilma – Olha, é uma reunião que vai ter uma palestra do ministro, abre com uma palestra do ministro, e será necessariamente o tema da palestra, o racionamento e a discussão vai ser sobre o racionamento. O Rio Grande do Sul tem a seguinte posição: Até agora, inclusive através de declarações do próprio Operador Nacional do Sistema, que é o doutor Mário Santos, não há estudos concluídos sobre o Rio Grande do Sul pelo Operador nacional do Sistema. O Rio Grande do Sul e os três outros Estados concluíram um estudo e esse estudo que nós concluímos, um estudo técnico, ele evidencia o seguinte: que o Sul do país, que é ligado ao sistema Sudeste através de dois pontos, um em Ivaiporã, que é entrada do Sul no sistema Sudeste...

André – Que é no Paraná...

Dilma – É no Paraná. E o outro, também no linhão de Furnas, né. Que é o linhão que sai de Itaipu, vai em Ivaiporã e depois vai pra Itaberá e acaba em Tijuco Preto. Ta? Ele é a única linha do Brasil em 750 kWatts, desculpa, em 750 volts... em 750 kv. E esse linhão, ele transporta a energia toda de Itaipu e transporta toda a energia que vem do Sul. Nós fizemos o seguinte estudo, a hipótese, então: passando toda a energia de Itaipu, ta, destinada ao Sul, que hoje, por exemplo estaria em torno de 1780 megaWatts médios. Hoje, que eu falo é o seguinte: na última semana, fazendo um cálculo médio. Nós transferimos 1780 mW médios ali. Tudo o que nós temos de Itaipu nós passamos pro Sudeste. Ainda assim, nós exportamos uma outra parte, ta? E o limite dessa outra parte é 2600. Então, o que que aconteceria? Mesmo se recompõe a linha, lá em Tijuco Preto, que acabe a obra, que estão dizendo que vai acabar, e que a gente espera que acabe mesmo... Mesmo assim, ta, o Sul ainda pode ficar fora do racionamento. Ele tem condições, eu vou te sintetizar: o Sul tem condição de passar 3650 megaWatts - 2600 dele mesmo e todo o restante de Itaipu, que é 1780, que é tudo o que nós temos de Itaipu, tudo, tudo, tudo... E mesmo assim a gente não entra em racionamento porque existe uma situação que permite que a gente diga o seguinte: tudo leva a crer que nós conseguimos segurar a nossa carga, apesar de exportar tudo o que o Sudeste pode receber. Por que? Porque nós temos tido um regime muito alto de chuvas. E o cálculo que a gente faz e todo os estudos que nós fizemos mostram o seguinte: mesmo que 20% abaixo da média, ainda assim, nós chegaríamos em dezembro como nível dos reservatórios suficiente pra gente atravessar o verão. Então nós achamos extremamente precipitado, por parte das autoridades federais ficar colocando uma data pra nós entrarmos no racionamento sem sequer ter apresentado um único estudo conclusivo.

André – Se a ONS não tem esse estudo, não pode definir uma data.
 Dilma – Não tem esse estudo. Inclusive eles convocaram as empresas do Sul pra iniciar o processo de discussão na quinta-feira, na quarta-feira, me desculpa, dia 16. E ele só será aprovado...
 André – Pela reunião em Florianópolis...
 Dilma – Essa reunião é uma reunião no Rio. A reunião em Florianópolis, que vai ser segunda, é entre nós...
 André – Entre nós do Sul, certo.
 Dilma – Nós do Sul. Mas esses estudos que nós temos, eles já estão bastante consistidos. Nós, inclusive, já comunicamos à ONS que temo esse estudo e que achamos estranhíssimo que eles comecem a divulgar sem conversar conosco e sem ter os estudos deles completos.
Começam a divulgar que nós vamos ter racionamento de 20%, ou sei lá quando, em fevereiro, em agosto, setembro... O fato é que existe hoje uma situação que é pior que o próprio racionamento, que é as informações desencontradas, que muitas vezes têm sido passadas, né, pra população, e a própria imprensa tem reclamado disso, que ora um fala uma coisa, ora outro, aí a ONS fala uma coisa, A Aneel fala outra, o Ministério fala outra.
 André – O que fica curioso é que são três pessoas falando do mesmo assunto e ninguém tem a palavra final.
 Dilma - Sim. E isso, na verdade, quem teria de ter a palavra final, tecnicamente, é a ONS. E se a ONS reconhece que ela não tem... E com que dados que a ONS faz os estudos? Com os nossos dados. Então os dados nós sabemos quais são

Figura 17: Transcrição de entrevista reproduzida no programa Atualidade, da Rádio Gaúcha

No texto acima, está destacado em sublinhado, o trecho que o clicNotícias utilizou para constituir o texto da notícia, que apresento a baixo (Figura 18).

The screenshot shows the clicNotícias website interface. At the top left is the clicRBS logo. Navigation tabs include HOME, NOTÍCIAS, and ESPORTES. A search bar is located on the left side. The main content area features a news article titled "Dilma considera precipitado anúncio de cortes no Sul". The article text discusses the Secretary of Energy and Communication of Rio Grande do Sul, Dilma Rousseff, regarding the integration of energy rationing in the South region. Below the article is a "SAIBA MAIS:" section with a list of related news items. On the right side, there is a "Últimas" (Latest) section with a list of recent news items. The top right corner displays the location "Porto Alegre, 14/05/2001" and the temperature "13.8 °C".

Porto Alegre, 14/05/2001
Temperatura **13.8 °C**

clícNotícias

HOME NOTÍCIAS ESPORTES

clícNotícias

ENERGIA

Dilma considera precipitado anúncio de cortes no Sul

A secretária de Minas, Energia e Comunicação do Rio Grande do Sul, Dilma Rousseff, considera precipitado o anúncio do Operador Nacional do Sistema (ONS) de que a Região Sul poderá integrar o racionamento que ocorrerá no Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Segundo Dilma, o Sul tem produção de energia excedente, e pode exportar até 2.600 MW para a Região Sudeste. A secretária explicou essa é capacidade máxima de transmissão do sistema que conecta os Estados sulinos com São Paulo.

De acordo com o relatório da CEEE e os estudos das companhias de energia de Santa Catarina e do Paraná, os três Estados têm produção de energia garantida mesmo que chova 20% abaixo da média histórica de chuvas. Conforme o relatório, a probabilidade de essa queda no índice pluviométrico ocorrer é baixa.

SAIBA MAIS:

- 14/05/2001 11h16min - **Reunião discute a crise brasileira em Porto Alegre**
- 14/05/2001 10h20min - **Governo deve anunciar redução da jornada de trabalho**
- 14/05/2001 09h39min - **Presidente da Celesc diz que Sul não aceitará racionamento**
- 14/05/2001 08h03min - **Método japonês de racionamento orientará o governo**
- 13/05/2001 19h58min - **Reuniões avaliam déficit e percentual de corte**

Últimas

14/05/2001
21h52min
Pecuária
Rio Grande do Sul concorda com sacrifício de animais com aftosa

21h46min
Crime
Polícia prende suspeito de matar cozinheira em Campo Bom

21h40min
Funcionalismo
Procuradores iniciam greve de uma semana

21h32min
Crime
Ladrões levam R\$ 50 mil de rodoviária em Venâncio Aires

21h20min
Geral
Ônibus envolvido em acidente tinha como destino Bagé

Mais...

Envie esta notícia a um amigo | Imprimir

Figura 18: Notícia publicada no cliNotícias, às 11h47min, de 14 de maio de 2001

Pelo exemplo acima (Figura 18), pode-se ver que o clicNotícias utiliza a forma do discurso, caracterizada por Mangueneau (2001), como “uma enunciação sobre outra enunciação”, denominada como “modalização em discurso segundo” (p.139). Para o autor, essa forma de relato do discurso é composta pela relação de dois acontecimentos enunciativos, em que a enunciação citada é objeto da enunciação citante. Assim sendo, o enunciador informa que não é o responsável por um enunciado, indicando que está se apoiando em outro discurso. Isso aparece no primeiro parágrafo da notícia exemplificada

acima. Essa forma de discurso, ao mesmo tempo em que coloca a informação sob responsabilidade do citado, torna a declaração objeto principal da enunciação.

Outra maneira pela qual a polifonia configura o discurso na internet é através da disponibilização do som, acessível ao usuário através de um link disposto junto ao primeiro parágrafo do texto. Nesse caso, ao clicar no link, o usuário tem acesso, pelo período de um mês, à íntegra da entrevista (Anexo 1) concedida à Rádio Gaúcha, pelos diretores das distribuidoras de energia elétrica da Região Sul, durante a reunião em Florianópolis. Abaixo, apresento o link de áudio caracterizado por um ícone de uma caixa de som, contendo o nome do entrevistado e a fonte da informação obtida, no caso “Sydney Simonaggio, presidente da RGE (Rádio Gaúcha)” (Figura 19).

A instantaneidade do rádio é um outro elemento que configura o texto na internet. Assim que a rádio é informada que um fato está ocorrendo, seja em Porto Alegre, no interior, ou mesmo em Brasília, a rádio a repassa ao público tão logo seja possível. No caso da informação ir imediatamente ao ar, como no caso de um boletim ao vivo, esse áudio pode ser digitalizado pelos operadores de áudio do clicRBS e salvo num arquivo para a decupagem da redação do clicRBS e, posterior, publicação na internet. Assim, o clicNotícias ganha em agilidade, em relação à TV, que veiculará a informação somente no horário previsto do telejornal, e ao jornal que será distribuído somente no outro dia.

Além disso, quando as informações são veiculadas em boletins redigidos na redação da Rádio Gaúcha, essas se encontram disponíveis também em formato de texto, no sistema de notícias do clicRBS para publicação, no clicNotícias.

As características de síntese, objetividade, polifonia e instantaneidade, presentes na internet, assemelham-se mais aos do radiojornalismo do que aos demais veículos de informação. Porém, a redação de rádio, com suas regras próprias para dicção, tais como nomes em caixa alta, números por extenso, etc, geram uma reestruturação desse texto para a internet, uma vez que essa se utiliza das regras de redação de jornal, no caso, de Zero Hora, para a publicação de suas notícias.

The screenshot shows the clicNotícias website interface. At the top, there is a navigation bar with 'HOME', 'NOTÍCIAS', and 'ESPORTES'. The main headline is 'Distribuidoras apostam em abastecimento normal no Sul'. The article text discusses the role of three energy distributors (RGE, CEEE, and AES Sul) in ensuring power supply to the South region, mentioning a meeting in Florianópolis and the involvement of the federal government and ANEEL. A sidebar on the left lists various local news channels and services. A right sidebar shows the date 'Porto Alegre, 14/05/2001' and the temperature '13.9 °C'. Below the main article, there is a 'SAIBA MAIS:' section with a list of related news items and a 'Envie esta notícia a um amigo' button.

clicRBS / RS
clicRBS / SC

HOME NOTÍCIAS ESPORTES

FAQ / Fale conosco

clicNotícias

Porto Alegre, 14/05/2001
Temperatura 13.9 °C

Últimas

14/05/2001
22h03min
Geral
Dois bairros de Canoas terão corte no abastecimento de água nesta terça
21h52min
Pecuária
Rio Grande do Sul concorda com sacrifício de animais com aftosa
21h46min
Crime
Polícia prende suspeito de matar cozinheira em Campo Bom
21h40min
Funcionalismo
Procuradores iniciam greve de uma semana
21h32min
Crime
Ladrões levam R\$ 50 mil de rodoviária em Venâncio Aires
Mais...

ENERGIA

Distribuidoras apostam em abastecimento normal no Sul

Sydney Simonaggio, presidente da RGE (Rádio Gaúcha)

Os presidentes das três distribuidoras de energia elétrica do Rio Grande do Sul, Sydney Simonaggio, da Rio Grande Energia (RGE), Vicente Rauber, da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), e Damian Obiglio, da AES Sul, foram taxativos em afirmar que é remota a possibilidade e não tem razão de ocorrer racionamento na região Sul. Eles estão reunidos nesta segunda-feira, em Florianópolis, juntamente com representantes da Celesc (Santa Catarina) e da Copel (Paraná) com o objetivo de elaborar um documento técnico para comprovar que os três Estados não devem integrar o plano de racionamento do governo federal. De acordo a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), o racionamento no Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste deve começar em 1º de junho, no Norte, em julho, e no Sul, em agosto.

Para Simonaggio, a quantidade de hidrelétricas e termoeletricas que abastecem a Região Sul permite a transferência de energia para o Sudeste sem comprometer o abastecimento local. Mesmo com chuvas de 80% da média histórica na região, segundo ele, será possível garantir energia para os três Estados do sul.

– Essa ajuda vai até o limite técnico dos equipamentos de transmissão – salientou Simonaggio.

De acordo com Rauber, essa é uma característica do Sistema Integrado Nacional (SIN), controlado pelo Operador Nacional do Sistema (ONS), onde os Estados devem se ajudar mutuamente em casos de escassez energética. Para ele, todos os parâmetros técnicos e climáticos não apontam para a necessidade de cortes no Sul.

Um estudo sobre a situação das reservas energéticas dos três Estados sulinos foi elaborado pelas distribuidoras regionais de energia. O material será apreciado na próxima quarta-feira pelo ONS, no Rio de Janeiro.

Conforme o presidente da CEEE, desde 1998 havia sinais de um descompasso entre as necessidades de mercado e a geração de energia. Segundo ele, os reservatórios da região Sudeste chegaram ao fim daquele ano com níveis inferiores às médias anteriores.

A produção energética brasileira sempre esteve baseada em hidrelétricas. Atualmente, cerca de 92% da energia é produzida nesse sistema. Conforme Rauber, esse tipo de usina sempre foi mais barato devido às necessidades e à realidade do país. Formas alternativas de energia, como a eólica, segundo ele, por enquanto são caras e resolvem apenas problemas isolados de geração.

As distribuidoras estão preocupadas, mesmo sem o racionamento, em reduzir o consumo e aumentar a oferta de energia no Sul. Medidas como a antecipação da conclusão de usinas hidrelétricas e termoeletricas, importação de energia da Argentina, redução do consumo em prédios públicos e na iluminação pública estão sendo debatidas. Conforme Simonaggio, a simples troca das lâmpadas de mercúrio por produtos que usam vapor de sódio pode reduzir o consumo de energia em até 30%. As informações são da Rádio Gaúcha.

SAIBA MAIS:

- 14/05/2001 16h05min - **Ministro da Fazenda admite falha do governo federal**
- 14/05/2001 15h28min - **Distribuidoras do Sul começam reunião em Florianópolis**
- 14/05/2001 13h28min - **Operadoras do Sul preparam documento técnico contra racionamento**
- 14/05/2001 12h30min - **Comitê tenta tranquilizar consumidores da Região Sul**
- 14/05/2001 11h47min - **Dilma considera precipitado anúncio de cortes no Sul**

Envie esta notícia a um amigo

Imprimir

Grupo RBS FAQ Fale conosco Publicidade
Copyright 2000 - RBS Interativa S.A.
Todos os direitos reservados (all rights reserved)

Figura 19: Notícia publicada no clicNotícias, às 17h06min, de 14 de maio de 2001

5.4 O vídeo

As imagens geradas pela RBSTV e pela TVCOM são enviadas à redação do clicRBS através da NET (TV a cabo), que chegam aos seletores de canais. Os seletores sintonizam esses canais de TV e alimentam a mesa distribuidora, que envia as imagens analógicas, semelhante ao que ocorre com o som, sendo digitalizadas nas ilhas de edição. Após, as imagens são editadas, comprimidas no formato RealVideo²⁸ e indexadas no banco de dados do clicRBS e, também, de acordo com as necessidades do clicNotícias. A mesa distribuidora, também, recebe imagens do canal Rural e de um seletor de canais que pode sintonizar todos os canais disponíveis pela NET, incluindo o *Pay per View*. Os arquivos de vídeo digitalizados serão inseridos no banco de dados do clicRBS, estando disponíveis aos internautas através de links, que os apresentam no clicStation – interface criada para transmissão de multimídia no clicRBS (Figura 20). As imagens da TVCOM, assim como o áudio da Rádio Gaúcha, também são disponibilizados via internet pelo clicStation, por *streaming*, ou seja, compactação e transmissão automáticas, do sinal transmitido.

Para Canavilhas (2001), a imagem colhida no local do acontecimento é outro recurso multimídia que pode ser utilizado no jornalismo na internet. O autor afirma que a verdade da imagem recolhida no local oferece à notícia uma “veracidade” e uma objetividade maiores do que a descrição do acontecimento. No entanto, Canavilhas (2001) destaca a existência de diferenças entre o papel desempenhado pelo vídeo no jornal televisivo e o exercido na internet.

Na internet, segundo o autor, em função da pequena largura de banda das redes que a constituem, o vídeo deixa de conter os fatores embelezamento e intensidade nos signos que compõem a criação do *simulacro*, já discutido anteriormente. A imagem e o som de qualidade, que na TV ocupam todo o espaço da tela do aparelho, ao serem digitalizados e comprimidos em RealVideo, nesse caso o clicRBS, em função do suporte passam a ter também, relacionada à sua dimensão reduzida, a intensidade dos seus signos amenizada. Essa redução de tamanho da imagem se dá na relação de, no mínimo, 1/8 do tamanho original do

²⁸ RealVideo é o formato de arquivo de vídeo digital da RealNetworks. Trata-se de um formato de arquivo comprimido especial para transmissões via internet.

vídeo analógico transmitido pela TV (NTSC ou PAL-M). A imagem desse vídeo possui 480 linhas de resolução²⁹ horizontal (640 x 480 pixels, de largura e altura, na unidade utilizada para se medir a resolução de um monitor de um computador). Na internet, a resolução de transmissão de vídeo no clicStation, cai para algo em torno de 160 x 120 pixels.



Figura 20: clicStation, interface de apresentação de multimídia no clicRBS

²⁹ Resolução: número de pixels (pontos individuais de uma imagem) apresentados em uma tela de um monitor, expresso nos eixos horizontal e vertical.

Na internet, o vídeo passa, então, a assumir um papel de legitimador da informação veiculada pelo texto, tal como o som de rádio. Porém, de forma mais verossímil, uma vez que o usuário pode “ver com seus próprios olhos” aquilo que está sendo dito, ou escrito.

Devido à sua disponibilidade para a redação do clicRBS, diferente do que ocorre com o áudio, as imagens da TV serão inseridas nas notícias, posteriormente, como complemento da informação. Pelo fato das redações das emissoras de TV da RBS não possuírem um sistema editorial compatível com o da redação do clicNotícias, os fatos apurados exclusivamente por essas, serão transcritos por escuta pelos redatores do clicNotícias, após serem digitalizadas. Isso, conseqüentemente, acarretará numa decupagem dos textos das TV’s, prática que contribui ainda mais para a perda da instantaneidade, pois será realizada muito após a ocorrência do fato. Destaco que no caso deste estudo, na cobertura das reuniões a respeito do racionamento de energia elétrica no Brasil, não foi inserido nenhum vídeo junto aos textos publicados. As matérias de telejornalismo foram incluídas em separado através do link que na capa do clicRBS dá acesso ao clicStation. A edição dessas matérias manteve-se fiel ao conteúdo transmitido nas TV’s da RBS. Cabe aqui salientar, também, que o texto que compõe as informações veiculadas pela televisão, é fragmentado, conforme discutido no capítulo 2.

6 Conclusão

Este estudo possibilitou-me entender que as diferentes mídias não são simples "meios" de transmissão dos discursos. As mídias, ao imprimirem distintos aspectos aos seus conteúdos relacionados às suas capacidades e limitações, enquanto suportes, constituem os discursos.

As transformações tecnológicas modificaram ao longo do tempo os dispositivos de comunicação. Na contemporaneidade, surgem outras formas de construção dos discursos, levando em consideração os seguintes elementos: as interações entre enunciador e co-enunciador, número de destinatários, a localização dos interlocutores, a intervenção de máquinas no processo comunicativo e a estabilidade dos textos.

O jornalismo online não é uma simples transposição dos jornalismo escrito, radiofônico e televisivo para um novo meio, mas, sim, um processo que transforma os discursos dessas mídias, constituindo na articulação entre o texto, o som e a imagem em movimento, um outro produto, ou seja, um outro discurso.

Apesar de a internet, aparentemente, constituir-se de uma mídia com potencialidade de democratizar a informação na sociedade, a ordem econômica e social baseada no capitalismo informacional, não apresenta previsões otimistas nesse sentido. A própria disseminação dos computadores é algo que levará ainda muito tempo para alcançar o grau de massividade da televisão, em vista de das exigências para o domínio deste suporte.

7 Anexos

Gaúcha Repórter – Entrevista com Sidney Simonaggio, presidente da RGE, Damian Obiglio, presidente da AES-SUL e Vicente Rauber, presidente da CEEE

Lasier Martins – Mas então, presidente Simonaggio, o presidente da RGE, nos dê uma diretriz, o que que se prevê para o Rio Grande do Sul?

Sidney – É. Para o Rio Grande do Sul e para os Estados da Região Sul... Então, o que vai valer para o Rio Grande do Sul vai valer para Santa Catarina, vai valer pro Paraná também... Nós temos uma condição diferenciada das regiões Sudeste e Nordeste... Nós temos uma oferta de geração, a quantidade de usinas hidráulicas, usinas térmicas na Região Sul é de tal ordem que permite que seja transferida energia do Sul para o Sudeste e ainda assim atendida a carga da Região Sul.

Lasier- Sem prejuízo pra nós?

Sidney – Sem prejuízo pra nós. Isso por qual razão? Essa transferência do Sul para o Sudeste tem um limite. É o limite das linhas de transmissão e dos transformadores que constituem essa interligação. Então, o setor elétrico nacional se rege por um princípio, que é o princípio da repartição de ônus e benefício. As regiões têm que se ajudar mutuamente. Mas essa ajuda, ela vai até o limite elétrico dos equipamentos. Mais do que aquilo, não pode ajudar. Bem, nós vamos até o limite da capacidade de transferência a ainda assim, com chuvas mínimas, com chuvas abaixo da média, nós conseguimos produzir geração térmica e hidráulica em quantidade suficiente pra atender as nossas necessidades, dos três Estados da

Região Sul. É por essa razão então, que nós entendemos que é remota a possibilidade de termos que cortar a carga, de termos que racionar. Nós promovemos a ajuda à Região Sudeste e ainda assim, com chuvas relativamente baixas, nós conseguimos a produção hidráulica necessária.

Lasier- O senhor ta transmitindo uma notícia muito boa pra nós gaúchos, muito agradável, porque já havia apreensões e os comentaristas, os observadores dos jornais do centro do país estão levando quase a um alarma geral com o racionamento, principalmente para São Paulo. Já se fala no que vai acontecer com hospitais, com as grandes indústrias, com a Avenida Paulista, etc. Então, em princípio o senhor ta dizendo: é muito remoto que falte energia para o Rio Grande do Sul.

Sidney – É essa a condução dos estudos que já desenvolvemos e que estamos aqui, que estamos sendo hoje à tarde recebidos aqui na Celesc, pelo presidente Francisco Kissler, da Celesc, e é remota, portanto, essa possibilidade.

Lasier – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul...

Sidney – Santa Catarina, isso mesmo...

Lasier - Paraná também...

Sidney - Paraná também. Estes estudos que nós fizemos, então, as nossas empresas realizaram esses estudos, a Companhia Estadual, a CEEE os realizou, e nós das outras empresas estamos validando esses estudos, eles agora passam por uma outra fase, que é a apreciação do ONS, que é o Operador Nacional do Sistema. Então, na quarta-feira, os nossos técnicos, das nossas empresas, estarão indo até o ONS, onde tem início a realiação desse

estudo por aquela entidade. Que passa então a ter um caráter formal, oficial, a definir o que é que se vai fazer, então, em termos de...

Lasier – É bom identificar bem para o grande público o que é ONS.

Sidney – ONS é o Operador Nacional do Sistema. As nossas empresas, nós constituímos um organismo, que é o Operador Nacional que tem a finalidade o seguinte: de fazer a operação do sistema elétrico e energético integrada, de forma integrada. De forma a aproveitar os ganhos regionais e de forma a distribuir melhor a geração, enfim, otimizar o sistema. Nós todos ganhamos com isso.

Lasier – Pois não. Presidente ainda uma pergunta: nós temos aqui no Rio Grande do Sul, fornecendo energia para o nosso Estado três empresas de energia. Duas privadas e uma pública. A CEEE, a AES Sul e a RGE, que é a que o senhor preside. Qual delas é a responsável pela maior quantidade de energia ao Estado?

Sidney – A RGE e a AES Sul são distribuidoras puras.

Lasier – Ta. Só distribuem... Não geram, nem transmitem.

Sidney – Não geram, nem transmitem. O que elas fazem é distribuir energia dentro dos seus mercados. Quem hoje produz no Estado é a Companhia Estadual de Energia Elétrica, a CEEE, que é responsável pela operação das usinas hidráulicas do Estado. As usinas térmicas do Estado estão com uma outra empresa, que é a CGTE.

Damian – E também tem a AES Uruguaia, que é a nova usina a gás, que fica na fronteira, que tem 600megaWatts, que está desde 13 de dezembro produzindo energia para o Estado do Rio Grande do Sul.

Lasier – Está falando também o presidente da AES Sul, Damian Obiglio. Vamos colocar na conversa também o nosso prezado presidente da CEEE, Vicente Rauber, boa tarde.

Vicente – Boa tarde, Lasier. Satisfação conversar contigo nessa verdadeira conferência das empresas do Sul do Brasil, que aqui estamos irmanados, no sentido de avaliar corretamente a nossa situação eletroenergética, em outras palavras: se nossos reservatórios, coligados com as usinas hidroelétricas têm água, e terão água suficiente para, como é da nossa obrigação, atender tudo o que for possível à Região Sudeste, que nesse momento necessita. É assim que funciona o sistema interligado brasileiro: uma região tem que socorrer à outra. No entanto isto tem um limite. O limite, como o Sidney já explicou, o limite dos próprios equipamentos. Ou seja, das linhas de transmissão e dos transformadores. Então, nós transferiremos para o Sudeste tudo o que for possível transferir até o limite da capacidade dos equipamentos em risco, então eu diria, até o limite do risco e ainda assim, desde que chova, pelo menos, 80% da média histórica, ainda assim, então, conseguiremos atravessar o ano sem necessidade de racionamento. Quando o Sidney diz que a possibilidade é muito remota, é este o dado, é que é muito remota a possibilidade de chover menos do que 80% da média histórica. Nenhum instituto, e aí a própria Rádio Gaúcha, que se utiliza de previsões do tempo, também pode levantar esta informação, nenhum instituto, até o presente momento, tem dito que o próximo período no Sul do país seja de pouca chuva. Todos dizem que, ou haverá chuva normalmente, ou haverá até a possibilidade de haver mais chuva do que a média histórica. Por esta razão é que o Sidney coloca corretamente de ser muito remota a possibilidade de racionamento no Sul do país. E é por esta razão, que por razões exclusivamente técnicas, que nós estamos dizendo que é, sim, da nossa obrigação, socorrer o Sudeste e o Nordeste do país, mas por razões absolutamente técnicas, entendemos não haver necessidade de, neste momento, se definir um sacrifício adicional a estas regiões.

Lasier – É muito bom ouvir isto. E a Rádio Gaúcha nesse momento está vivendo um momento privilegiado porque está com os maiores líderes da energia elétrica do sul do país reunidos em Florianópolis, sendo que os três gaúchos estão em contato conosco, cada um numa linha telefônica, além do catarinense e do paranaense, que estão lá. Por acaso, presidente Vicente Haubert, há algum outro Estado brasileiro vai poder fazer o que nós

estamos fazendo? Isto é, emprestar, socorrer os Estados carentes de energia nesta hora de dificuldade?

Vicente – Esta é a situação semelhante do Norte do país.

Lasier – Ah, o Norte também tem para fornecer...

Vicente – O Norte também tem excedente, embora toda aquela região da Amazônia tenha uma situação... Ela não está totalmente interligada ao sistema interligado. Existem lá, no meio da Amazônia, em torno de 350, aquilo que nós chamamos de sistemas isolados. Ou seja, tem uma usina e tem gente atendida por esta usina. São sistemas não interligados, no entanto, parte do sistema do Norte é interligado e esta parte, neste momento, também tem excedente de energia. Ela socorre fundamentalmente a Região Nordeste do país e, embora nós não tenhamos para o caso do Norte, estudos mais recentes, pelo menos aqueles estudos que nós conhecemos do ONS, até o mês passado, também não havia necessidade de racionamento naquela região.

Lasier – Hoje pela manhã, presidente Haubert, houve durante uns cinco minutos uma queda de energia elétrica no morro Santa Tereza, pelo menos na parte onde eu estava com outras pessoas. E aí disseram: começou o Apagão. Então, esses sobressaltos poderão acontecer a partir de agora, quando eventualmente faltar energia elétrica. Mas o senhor como presidente da CEEE, então pode assegurar que eventuais cortes de energia, nada tem a ver com o racionamento que vai começar dentro de alguns dias, parece que 1º de junho, no centro do país.

Vicente – Lasier, eu não conheço no mundo inteiro, nenhum sistema, seja ele elétrico, ou de qualquer natureza que seja perfeito. Todos os nossos sistemas elétricos, eles terão, u tem problemas do que nós chamamos de problemas localizados. Pode acontecer, claro, as nossas empresas, e eu posso falar nesses sentido pelas outras empresas, nós temos feito muitos

investimentos e cada vez menos existem interrupções de energia no Estado e também a duração das interrupções é menor, nós temos essas informações técnicas. Felizmente, a nossa população é cada vez mais exigente, ela não quer essas interrupções e nós também não as desejamos. No entanto, é preciso ressaltar: nossos sistemas não são perfeitos, eles ainda tem muitos problemas e muitos investimentos estamos fazendo, mas como você já bem colocou, eles nada tem a ver com o problema de racionamento de energia.

Lasier – Perfeito.

Vicente – Racionamento é outra história. É apagar de vez, levantar a chave de vez e apagar tudo, como o que está se prevendo para o Sudeste e Nordeste do país.

Lasier – Deixa eu voltar uma pergunta ao presidente da RGE, Sidney Simonaggio. Presidente Sidney Simonaggio, de quem foi a improvidência que causa agora este racionamento?

Sidney – Na verdade, os sinais de que havia um certo descompasso entre o crescimento de mercado e o crescimento da oferta de geração, ele não vem de agora. Não é uma coisa que se descobriu agora. Ele já começa a dar os sinais lá no ano de 97, 98. Os reservatórios do Sudeste não se reenchem pela primeira vez em 1998, quando foi abril de 1998, que é o fim da estação chuvosa do Sudeste. Terminava-se, até então, com os reservatórios sempre cheios, que era pra que eles pudessem enfrentar o período de estiagem que vinha na seqüência. Então, abril de 98 é o ano que marca, que foi o primeiro ano que os reservatórios do Sudeste não se reenchem completamente. Neste momento, agora, ocorre uma situação, ocorre um agravante do problema. O que agrava o problema? Nós estamos com uma anomalia climática. Nós estamos com uma situação particular que ela provoca chuvas além dos valores médios na Região Sul e seca nas regiões Sudeste e Nordeste. Então, na verdade, a falta de geração, a falta de investimento em geração fez com que se contasse mais com a água dos reservatórios. Ou seja, fez com que se contasse mais com chuvas em abundância. Essas chuvas aconteceram em 99, aconteceram no ano 2000, mas quando foi agora, no finalzinho do ano 2000, pra

frente, o período de chuvas da Região Sudeste e da Região Nordeste, o período de chuvas não foi bom. Na verdade ficou aquém dos valores médios. De sorte que, todos os anos, a Região Sudeste sempre teve seus reservatórios, o nível d'água aumentou depois de uma estação de chuvas. Este ano, o nível d'água diminuiu depois da estação de chuvas. Porque foi muito pequena a fluência.

Lasier – O nosso problema, presidente Simonaggio, é de que o Brasil se ocupa demais da geração de energia pelas hidrelétricas, ao contrário de outros países que valorizam as termoelétricas outras formas de produção de energia, não é? Quanto por cento é a energia elétrica baseada na água?

Sidney – Na verdade, nós temos alguma coisa em torno de 92%...

Lasier – 92% só com hidrelétricas?

Sidney - ... da nossa produção está firmada em hidrelétricas. Mas veja: esse é o planejamento certo. Porque até então, até então, a alternativa hidrelétrica era mais barata que a alternativa termoelétrica. É lembrar que o gás natural tá chegando agora na nossa matriz energética. Ele é recente na nossa matriz energética. E que, até então, o que se tinha quando se falava de térmicas, ou eram térmicas a carvão, que ainda assim, apesar do carvão, ainda assim eram mais caras do que as alternativas hidroelétricas e por fim tem as térmicas a óleo que eram muito mais caras do que a alternativa hidroelétrica.

Lasier – E a energia pelo vento?

Sidney – A energia pelo vento ela é cara. Ela é cara. E ela não tem a escala de uma termoelétrica, ela não tem a escala do Brasil. Ela aparece pra resolver problemas isolados, ela

aparece pra concorrer com longas linhas de transmissão, mas ela não chega a ter ainda, a escala pros grandes blocos de energia, que o Brasil necessita.

Lasier – Realmente dependemos é de São Pedro?

Sidney – Exatamente pra não depender de São Pedro é que nós estamos os cinco, aqui reunidos, hoje. Nós estamos discutindo aqui, exatamente, é como ajudar São Pedro... Como é que nós podemos fazer pra aumentar a oferta de energia. Então estamos discutindo aqui a possibilidade de antecipação de usinas hidroelétricas e termoelétricas e também estamos discutindo da possibilidade da antecipação de mais mil megaWatts provenientes da Argentina. Isso é um dos pontos da nossa pauta. O que é que nós podemos fazer pra aumentar a oferta dentro da Região Sul. O outro ponto que nós estamos discutindo é: como vamos fazer pra, mesmo que nós não precisemos racionar, e isso já foi bem explicado, existe uma grande probabilidade de não racionarmos porque precisamos de pouca chuva, mas na verdade nós queremos precisar de menos chuva ainda. Então uma outra medida que nós a gente pode tomar é de promover uma redução da nossa necessidade, uma redução do consumo. Então nós estamos aqui avaliando como nós podemos promover uma redução no consumo sem termos que cortar. Sem termos de passar pelo dissabor do racionamento.

Lasier – O mês de junho é um mês de chuvas no Rio Grande do Sul, não é?

Sidney – É um mês de chuva. Mas os reservatórios, o fato de haver reserva de água, isso permite que a gente trate o problema de forma anual, de um ciclo completo. A gente caba tratando desse assunto em valores médios. Então, a outra coisa que se discute aqui são redução de consumo de prédios públicos, redução....

Lasier – A iluminação pública é sempre uma coisa perigosa, presidente, pra não estimular os ladrões...

Sidney – Exatamente. Essa é uma questão, a gente sabe que é delicada essa questão... E é isso que nós estamos aqui reunidos discutindo, como nós poderíamos fazer essa redução... Existem, veja, nós podemos fazer a eficientização dela, que é a substituição das lâmpadas de mercúrio por lâmpadas de vapor de sódio. Com isso nós mantemos o mesmo nível de iluminação e temos reduções que chegam a 30% do consumo normal, do consumo com outras lâmpadas.

Lasier – Deixa eu aproveitar um pouquinho mais a presença do presidente da AES Sul, o Damian Obiglio, porque estamos tendo esse privilégio de encontrar reunidos nesse momento os três presidentes das empresas gaúchas, CEEE, AES Sul e RGE, além do presidente da Celesc, de Santa Catarina e da Copel, do Paraná. Presidente Damian obiglio, o que o senhor teria a acrescentar ainda sobre o que nos espera aí adiante. Felizmente, o Rio Grande do Sul, sem maiores apreensões, mas muita falta de energia no centro do país.

Damian – Eu acho que a única coisa pra acrescentar seria que um esforço muito grande, das três empresas vai ficar agora, as três empresas da Região Sul, na racionalização do consumo, na educação de um consumo de energia elétrica. Esse é o grande aporte que todos nós podemos fazer para aqueles Estados que hoje já estão por entrar no racionamento. Se nós racionalizamos, podemos ajudar mais eles, esse vai ser nosso esforço como Estados participantes da União.

Lasier – Eu queria ainda uma pergunta ao presidente da CEEE, Vicente Raubert, porque há pouco disse o presidente Sidney Simonaggio, da RGE, engenheiro Raubert, que as empresas particulares são meramente as distribuidoras. Então o mal pode estar na falta de geradoras lá no começo e que houve uma certa imprevidência? As geradoras aqui no Rio Grande do Sul, então, não tem nenhuma particular, portanto, não é responsabilidade privada... Pergunto isso, porque hoje já li algumas críticas de que após a privatização não houve a previsão dos novos empresários privados de investirem mais...

Vicente – Lasier, primeiro que eu não considero que a distribuição seja a frase que você usou, a palavra “meramente distribuidoras”...

Lasier – Sim, perdão, não foi com o sentido pejorativo...

Vicente – Acho que cumprem um papel fundamental...

Lasier – Claro...

Vicente - É um trabalho final, até para os ouvintes entenderem, nós precisamos produzir, como nós já verificamos, a produção é feita em hidrelétricas, que normalmente estão longe dos centros consumidores, porque nós temos que coloca-las onde existem as quedas d'água, normalmente lá no meio do mato, como a gente diz, daí precisa de um grande sistema de transporte, eu chamaria assim, transporte em grosso, transporte atacadista, que para o sul do país é feito pela empresa Eletrosul, que traz a energia para o Rio Grande do Sul, através dos chamados linhões de 500 mil volts e a transmissão interna no Rio Grande do Sul é feito sistema de 230 mil volts da CEEE. E a CEEE faz parte da distribuição nas regiões Sul e Sudeste, como eu digo, da região praiana, fundamentalmente passando por Porto Alegre até...

Lasier – Talvez pra distribuir as empresas gastem tanto quanto para construir uma geradora, não é?

Vicente – Eu não sei exatamente qual é o rateio de custos, agora eu quero voltar à questão central dos investimentos, né, vamos dizer assim, vamos abstrair o problema das distribuidoras porque cada distribuidora, em sua região, faz seus correspondentes investimentos. Vamos voltar ao sistema interligado brasileiro. Que o Sidney já explicou e eu quero ampliar um pouco mais é o seguinte: há um crescimento muito forte desse que é um dos bens fundamentais da humanidade, que é a energia elétrica, essencial para o desenvolvimento

e a qualidade de vida... Então há um crescimento muito forte atualmente no Rio Grande do Sul no primeiro quadrimestre e ele é de 7,6% maior do que no ano passado... Veja que é um crescimento extraordinário... No Brasil esse crescimento é da ordem de 4,5% e pra você atender a este crescimento há que se fazer, sim, grandes investimentos, tanto na geração, que pode ser feito tanto por empresas públicas, ou por empresas privadas, ou por consórcios conjuntos... Na segunda-feira nós vamos inaugurar Dona Francisca, que nada mais é do que um consórcio de empresas públicas e privadas, assim como nós estamos trabalhando em Machadinho, que também é um consórcio, assim como nós vamos fazer usinas hidrelétricas, no Rio das Antas, também em consórcio, assim como nós estamos fazendo, encaminhando termelétricas em consórcio de empresas públicas e privadas. Portanto, a questão fundamental é: Há necessidade efetiva de ampliarmos a geração, seja ela hidroelétrica, ou termelétrica... Como o Sidney já explicou, a hidroelétrica é menos cara, ela tem um pouco mais de custo na fase de implantação, mas depois ela não precisa mais do combustível porque o “combustível” é a própria água, né, mas há a necessidade efetiva, e esta é a nossa opinião, que para sairmos desse problema brasileiro, não há só a necessidade de racionamento, o racionamento é, digamos assim, o primeiro combate da doença. Mas paralelamente a isto é necessário, sim, andar mais rápido com as obras de geração e de transmissão e de distribuição, obviamente são importantes, mas aí no caso da distribuição, cada distribuidora cuida da sua região.

Lasier – Muito bem. Olha, nós alongamos bastante esse nosso bate-papo, aqui, pela oportunidade que se prestou... É a questão que passa a afligir boa parte dos brasileiros, e felizmente nós gaúchos, catarinenses e paranaenses, estamos livres do racionamento, dificilmente teremos que enfrentar, não quer que não devamos cuidar um pouco mais do consumo e eu deixo a palavra aos senhores para algum acréscimo que pretendam fazer, começando pelo presidente da RGE, Sidney Simonaggio...

Sidney – Não... Eu gostaria de agradecer essa oportunidade que tivemos, esse canal aberto pra esclarecermos a nossa sociedade e lembrar que o comportamento importante nessas horas é de que energia é um bem caro, ele é um bem caro e escasso, como nós podemos perceber agora. Então, sabendo usar sem desperdício energia é a melhor forma de vida, é a

melhor forma de conduta pra todos nós e a garantia de que teremos esse bem disponível sempre.

Lasier – Ta bem, presidente Simonaggio, da RGE, presidente Damian Obiglio, da AES Sul...

Damian – Só queria também agradecer a vocês, e a todos os nossos clientes, das três empresas, vamos permanecer em contato e vamos esclarecer a todos os nossos clientes a tudo o que vai acontecer com este problema, da falta de energia elétrica... Então toda informação nova que tenhamos, tudo o que vale, vai acontecendo no dia-a-dia em nosso setor elétrico vai ser comunicado a eles para não ter surpresa nenhuma.

Lasier – Pois não, obrigado ao senhor Damian, presidente da CEEE, Vicente Raubert...

Vicente – Bem Lasier, igualmente agradecer a oportunidade importante de esclarecimento para o Rio Grande do Sul, e estava me dizendo aqui o presidente Francisco Kisster, que a Rádio Gaúcha entra muito bem no sul do Estado de Santa Catarina, então pra todos que nos ouvem é importante esses esclarecimentos, e também agradecer a bela acolhida que estamos tendo aqui na empresa Celesc, e também a participação importante da empresa Copel, que é uma empresa importante do nosso país e aqui estamos, finalmente, consolidando opiniões, enfim estamos nos irmanando para enfrentar este momento difícil e tenho certeza de que vamos supera-lo. Grande abraço.

Lasier – Grande abraço, presidente Vicente Haubert.

8 Bibliografia

BRITTES, Juçara. *Jornalismo na internet: ensaio sobre as alterações no jornalismo, enquanto processo social, em seu movimento migratório do papel para a parede.* (VER ANO E REFER.)

CANAVILHAS, João Messias. *Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web.* Portugal: Universidade da Beira Interior. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 31 de outubro de 2001. (www.bocc.ubi.pt)

COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura.* São Paulo: Ed. Ática S.A., 1993.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário.* São Paulo: Ed. Ática, 5ª ed., 1991.

GASTAL, Rita. *TV a cabo - origem, tecnologia e evolução no Brasil.* Pelotas: EDUCAT, 1995.

HOINEFF, Nelson. *A nova televisão, desmassificação e o impasse das grandes redes.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

KOPPLIN, Elisa e FERRARETO, Luiz Artur. *Técnica de redação radiofônica.* Porto Alegre: Sagra, 1992.

LUSTOSA, Elcias. *O Texto da Notícia*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1ª Ed., 1996

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. (Tradução) SOUZA-E-SILVA, Cecília P. de e ROCHA, Décio. São Paulo: Cortez, 2001.

MORETZSOHN, Sylvia. *A velocidade como fetiche – o discurso jornalístico na era do “tempo real”*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (tese de mestrado). Biblioteca On-Line De Ciências Da Comunicação, 10 de outubro de 2001. (www.bocc.ubi.pt)

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PORCHAT, Maria Elisa. *Manual de radiojornalismo jovem pan*. São Paulo: Ed. Ática, 2ª ed., 1989.

PRADO, Ana. *A vez dos donos da voz (?): reflexões acerca do jornalismo online*. (VER ANO E REFER.)

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. *Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias*. (<http://usr.psico.ufrgs.br/~aprimo/>)

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. *Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo*. 1998 (<http://usr.psico.ufrgs.br/~aprimo/>)

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. *Interfaces potencial e virtual*. Porto Alegre: Revista da Famecos, n.10, p. 94 – 103, 1999. (<http://usr.psico.ufrgs.br/~aprimo/>)

SIEGEL, David. *Criando sites arrasadores na web II: a arte da criação de sites de terceira geração*. São Paulo: Quark Book, 1998.

TIGRE, Paulo Bastos. Comércio Eletrônico e Globalização: desafios para o Brasil. *In: SILVA Jr., Ronaldo Lemos da (et al) Comércio Eletrônico*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001, p. 84 – 100 .

SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação?* São Paulo: Ed. Cidade Nova, 1996.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993.

WEINMAN, Lynda. *<Design gráfico na web>*. São Paulo: Quark Book, 1998.

8.1 Outras indicações bibliográficas

Dicionário da internet. .net, São Paulo: Ed. Quark do Brasil. 1996.

Manual de ética, redação e estilo. Organização de Zero hora. Porto Alegre: L&PM, 1994.

Reunião de Florianópolis define posição do Sul sobre racionamento. Porto Alegre, Zero - Hora, 14 de maio de 2001, capa.

Redação. Porto Alegre, Zero - Hora, 14 de maio de 2001, expediente.

O desafio energético. Porto Alegre, Zero - Hora, 14 de maio de 2001, editorial, p.15.

Governo testará método japonês no racionamento. Porto Alegre, Zero - Hora, 14 de maio de 2001, p.17.

Deu um clic na gente. Informática. Porto Alegre, Zero - Hora, 05 de julho de 2001, p. 5.